

# Correio das Artes

ANO  
LXXIV  
Nº  
09



Novembro  
R\$ 12,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes, lojas parceiras e representantes.

18º FESTIVAL DE CINEMA  
ROLIUDE NORDESTINA

## De olho na tela

- **'Cangaço Novo'** reacende o gênero 'nordestern' e foco se volta a artistas e locações da Paraíba
- **18º Fest Aruanda:** confira análises e entrevistas exclusivas com o diretor Fábio Mendonça, crítico Inácio Araújo e atriz Soia Lira

Suplemento  
literário  
do Jornal A União  
**2023**

# VOCÊ, AUTOR PUBLICADO

marketing EPC



Junte-se ao melhor da literatura paraibana.  
Publique seu livro na **Editora A União**.

Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra e, claro, de você em autor publicado.

Entre em contato e agende uma conversa:  
(83) 99363-7083



# O Nordeste em foco

Estabelecido no mapa dos festivais como um dos mais destacados do audiovisual, o Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, realizado em João Pessoa (PB), chega a sua 18ª edição lançando um olhar importante sobre a realização, os realizadores, os artistas e equipe técnica que abraçam as produções feitas e/ou inspiradas no Nordeste.

Não é à toa que o sucesso estrondoso da série *Cangaço Novo*, produzida pela multinacional Amazon para seu serviço de *streaming* Prime Vídeo, é um dos carros-chefes da edição deste ano - que será realizada entre 30 de novembro e 6 de dezembro, com exibições no Cinépolis do Manaíra Shopping e debates e painéis na Usina Cultural Energisa.

*Cangaço Novo* reacendeu um subgênero que resume boa parte das histórias e da estética envolvendo o Nordeste profundo: o “nordestern”, junção de Nordeste com *western*, designação para os populares

Nossa repórter **Alexsandra Tavares** foi seguindo a trilha de produções que estão sendo realizadas aqui - ou fora do estado, mas com artistas paraibanos - e entrega ao leitor um panorama de como o audiovisual está de olho em uma dos nossos maiores tesouros culturais: a arte audiovisual

faroestes, que ganharam as telas a partir de *O Grande Roubo do Trem* (1903), apontado como o primeiro *western* do cinema.

O tema será abordado pelo festival, mas aqui a gente antecipa esse conceito através de uma reportagem com especialistas e na entrevista exclusiva com um dos diretores de *Cangaço Novo*, Fábio Mendonça, que volta a João Pessoa para o Fest Aruanda.

A 18ª edição do Aruanda acontece em momento extraordinário para o Nordeste, em especial para a Paraíba, cuja Roliúde Nordestina, em Cabaceiras, já é, sacramentalmente, cenário de inúmeros filmes e séries. Assim, nossa repórter Alexsandra Tavares foi seguindo a trilha de produções que estão sendo realizadas aqui - ou fora do estado, mas com artistas paraibanos - e entrega ao leitor um panorama de como o audiovisual está de olho em uma dos nossos maiores tesouros culturais: a arte audiovisual.

Boa leitura!



SECRETARIA DE ESTADO  
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



**Naná Garcez de Castro Dória**  
Diretora Presidente

**William Costa**  
Diretor de Mídia Impressa

**Amanda Mendes Lacerda**  
Diretora Administrativa,  
Financeira e de Pessoas

**Rui Leitão**  
Diretor de Rádio e TV



**André Cananéia**  
Editor do Correio das Artes

**Paulo Sergio**  
Diagramação

**Domingos Sávio**  
Arte da capa

**Tonio**  
Ilustrações

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

## índice


### 16/nordestern

Tema de painel com o diretor de 'Cangaço Novo', o subgênero do audiovisual que coloca o faroeste no interior do Nordeste e analisado por especialistas.

### 20/'Aruanda'

Pela primeira vez na história do audiovisual brasileiro, um festival de cinema irá homenagear "atores naturais", aqui do seminal documentário realizado por Linduarte Noronha nos anos 1960.

### 24 / crítica

Crítico de cinema há 40 anos, Inácio Araújo conta, em entrevista exclusiva, o que ele acha do 'nordestern', o papel da crítica e reflete sobre o 'cinema besteiro!'.  


### 31 / entrevista

Um papo descontraído entre duas jornalistas: Naná Garcez conversa com Rosa Freire D'Aguiar sobre a experiência dessa como correspondente internacional na França.

### 42 / coluna

Festas Semióticas: professor Amador Ribeiro Neto analisa 'É a Ales', novo romance do vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 2023, o escritor norueguês Jon Fosse.

### 44 / Meme?

O premiado escritor mineiro radicado na PB Bruno Ribeiro e a professora Mylena Queiroz defendem a música do artista de Guarabira Ednaldo Pereira, sucesso nas redes sociais.  




# Luz, Paraíba, ação!

**Alexsandra Tavares**  
*lekajp@hotmail.com*

Os holofotes da sétima arte voltaram-se para os estados do Nordeste brasileiro. A presença dos cenários, cultura, atores e diretores da região marcam, cada vez mais, presença em trabalhos audiovisuais, como séries, novelas, longas e curtas que trazem no enredo o “tempero arretado” desse cantinho do Brasil. E a Paraíba faz parte desses roteiros ensolarados exibidos país afora, seja com a exibição de suas belezas naturais ou com seu elenco de artistas, cada vez mais cortejados por importantes produtoras.

## Audiovisual (re)descobre o Nordeste e a Paraíba se destaca, emprestando artistas e cenários naturais a produções de grande visibilidade



FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Zezita Matos, atriz e presidente da APC, destaca a “primavera” do cinema paraibano

Uns dos exemplos são os artistas Thardelly Lima, Zezita Matos, Buda Lira, Isadora Cruz e Marcélia Cartaxo, paraibanos de gerações diferentes, mas que compartilham experiências semelhantes: participam de produções de empresas robustas, como Star+, Amazon Prime Video, Globoplay e a Netflix.

“Isso vem desde a chamada ‘primavera do cinema paraibano’ no *Fest Aruanda*. Temos também muitas mulheres da Paraíba dirigindo, o que é ótimo, e uma geração nova de atores muito boa. Muitos trabalhos estão sendo gravados e exibidos. Por exemplo, recentemente, gravamos *Bia* (longa/2022), de Taciano Valério e Verônica Cavalcanti, que dá um show. No elenco, temos também Fernando Teixeira e eu. Foi gravada em Caruaru (PE), mas Taciano, Fernando e eu somos paraibanos. Verônica é cearense, mas está aqui na Paraíba. Realmente, é a ‘primavera do cinema paraibano’, declarou a atriz

**A presença dos cenários, cultura, atores e diretores da região marcam presença em trabalhos audiovisuais**

Zezita Matos, presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC).

Zezita tem participações em *Cangaço Novo*. Lançada em agosto pelo Prime Video, da Amazon, a série é inspirada na vida de um nordestino do Rio Grande do Norte, Valdetário Carneiro, que morou parte da vida na Paraíba. Ele é considerado um dos “criadores” do “novo cangaço”, crime

em que bandidos assaltam bancos e aterrorizam cidades do interior. Quando enveredou pelo crime, teve idas e vindas da prisão - registre-se aí fugas bem articuladas. Após cerco da polícia ao local em que morava, no Rio do Grande do Norte, ele tentou escapar, mas foi alvejado por vários disparos, morrendo no local no ano de 2003.

“Faço uma pontinha em *Cangaço Novo*, mas estou lá. Aliás, aprendi logo cedo que não existe pontinha, existe um trabalho que você faz e fica lá. A Marcélia (Cartaxo), tem papel de destaque”, completou Zezita, que também tem participação na série da Star+, *Maria Bonita*, ambientada no município paraibano de Cabaceiras, a “Roliúde nordestina”, situada no Cariri paraibano, onde está sendo gravada.

A trama é estrelada pela atriz mineira Isis Valverde e fala da história da mulher do cangaceiro Virgulino Ferreira, o Lampião. Isis interpreta a própria Maria Bonita e o porto-alegrense Júlio Andrade faz o papel de Lampião. Quando a equipe chegou à Paraíba para as gravações, em agosto deste ano, Isis postou uma foto nas redes sociais na entrada de Cabaceiras e escreveu: “O Nordeste tem meu coração ???@#luzcameracao”.

O prefeito de Cabaceiras, Tiago Castro, falou ao **Correio das Artes** sobre essa produção, que é dirigida por Sérgio Machado. “As gravações de *Maria Bonita* estão acontecendo em vários lugares de Cabaceiras. A cidade foi transformada em cenário para a série”, declarou. Ao ser indagado sobre o cenário cinematográfico paraibano nos últimos meses, ele disse: “Está em alta. Ainda podemos crescer muito”, frisou o prefeito.

Crescimento e “boa fase” para o audiovisual no Nordeste e, especificamente, para a Paraíba também são palavras expressadas pela atriz paraibana Marcélia Cartaxo, que integra o elenco principal de *Cangaço Novo*. Segundo ela, há pouco mais de quatro anos a realidade era bem diferente, por causa da falta de incentivo e atenção para a Cultura, por parte do então Governo Federal. Agora, está ocorrendo o caminho inverso, inclusive com incentivos culturais como a abertura de editais repercutindo em cada estado.

Marcélia Cartaxo e a também paraibana Isadora Cruz irão atuar em outra obra que aborda o universo do cangaço. A novela da Globoplay intitulada *Guerreiros do Sol* mostrará uma abordagem mais romantizada do casal de cangaceiros que marcou sua trajetória no Nordeste brasileiro, nas primeiras décadas do século 20, Maria Bonita e Lampião.

A previsão é que *Guerreiros do Sol* seja lançada na plataforma de streaming apenas no ano que vem, e na TV aberta, o público só deverá conferir em 2025. “A gente ainda vai gravar *Guerreiros do Sol* até 30 de dezembro, por isso não posso falar muito. Já fui gravar em Sergipe, em Alagoas, também vão (os atores) para a Bahia, depois voltam para o estúdio”, frisou Marcélia, guardando segredo sobre seu papel na trama.



Premiada, Marcélia Cartaxo tem papel de destaque em ‘Cangaço Novo’: “Estamos começando do zero, de novo”

Essa maior efervescência no cinema, segundo Marcélia Cartaxo, também traz mais visibilidade para os profissionais do ramo, criando um círculo virtuoso que impulsiona o trabalho dos atores e produtores. “Quando a gente é assistido, quando o Estado ajuda a gente, quando faz sua parte abrindo editais, temos oportunidade tanto cultural, quanto educacional de crescermos. Isso está sendo importante para o Brasil inteiro, porque todos estão sendo contemplados. Acho que estamos, agora, começando do zero, de novo”, afirmou Marcélia.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas num passado bem próximo, a atriz frisou que o “Nordeste está em alta”. “E há muitos projetos lindos. A gente sente um orgulho danado. Temos um celeiro de atores muito grande. Os produtores lá fora ficam curiosos para vir trabalhar aqui. A gente tem sol o dia todo, que não atrapalha em nenhum momento as filmagens. E temos uma luz muito bonita. A Paraíba tem resgates históricos importantes, que precisam vir à tona. Cada lugar tem sua cultura, um jeito de fazer as coisas diferente e o Nordeste tem seu jeito de praticar as coisas. Essa é a grandeza de nosso país”, salientou a atriz.

## O efeito 'Bacurau'

Os atrativos culturais e naturais da região mais quente e iluminada do país, somados ao histórico de trabalhos cinematográficos bem-sucedidos também são um ponto a favor para atrair produções locais e nacionais para a Paraíba. O ator cajazeirense Thardelly Lima está numa fase movimentada na carreira. Só no cinema já atuou em *Beijo de Estrada* (2018), *Rafaméia* (2018), *Divino Amor* (2019), *Bacurau* (2019), *Curral* (2021) e *Salamandra* (2021), entre outros trabalhos. O rosto do ator também é conhecido na televisão. Recentemente, gravou a novela *Mar do Sertão*, da Rede Globo.

Esse ano, ele esteve envolvido em dois trabalhos. Uma é a série da Netflix chamada *Ponto Final*, com nove episódios, gravada em São Paulo, que deve estreiar em janeiro. A outra, produzida pela Multishow e a Globo, é *No Corre*. O título, que estreou esse mês de novembro no Globoplay e chega à Rede Globo em fevereiro, faz alusão à batalha diária dos trabalhadores que estão “no corre”, “no trampo”, “na pista”, ou seja, no trabalho diário. As duas produções, segundo ele, são no estilo *sitcom*.

“*Ponto Final* é uma história que se passa no ponto final de um subúrbio carioca e eu, com meu sotaque de paraibano, faço um oficineiro mecânico do bairro que vive se metendo em confusões. Em *No Corre*, sou um dos cinco motoboys que trabalham na Mooca, e fazem entrega na Grande São Paulo. Nessa, a gente contou com participações como a de Édgar Vivar (intérprete mexicano de Seu Barriga), Cláudia Raia, Emicida, Serginho Groisman e Ana Híkar.”

No próximo ano, ele já tem gravação garantida, pois deverá atuar em uma novela, mas, por enquanto, não poderá divulgar detalhes sobre esse trabalho. Para Thardelly, os holofotes do audiovisual se voltaram para o universo nordestino a partir de *Bacurau*, longa-metragem dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles (2019).

A trama conta a história de um pequeno povoado localizado no Sertão brasileiro chamado Bacurau. Os mo-



FOTO: DIVULGAÇÃO/REDE GLOBO

radores descobrem que a comunidade não consta mais no mapa e passam a ser atacados por estrangeiros, cabendo a eles armar estratégias de defesa. O filme foi vencedor do Prêmio do Júri no 72º Festival de Cannes e foi eleito Melhor Filme no Festival de Cinema de Munique.

“Depois desse levante de *Bacurau*, a gente viu que as produções começaram a buscar novas caras, novos atores, atrizes, saiu um pouco desse eixo Rio-São Paulo. Creio que eles começaram a ver que tinham outras coisas para se falar, outros roteiros, outras histórias a serem contadas”, disse Thardelly.

Entre as produções que ele destacou nesse “boom” de trabalhos ligados ao Nordeste está *Cangaço Novo*, que tem feito sucesso internacionalmente e liderado os rankings da Prime Video. O trabalho já entrou para o Top 10 das séries mais assistidas do serviço de streaming em 49 países, incluindo o Brasil.

Outro projeto audiovisual citado pelo ator e que representa bem a pujança vivida atualmente pelo Nordeste foi a novela *Mar do Sertão*, da Rede Globo, que chegou ao final no mês de março. Além de ter como pano de fundo a cidade sertaneja de Canta Pedra (fictícia), reunia um grande número de atores nordestinos.

“*Mar do Sertão* foi a primeira novela em que mais de 70% do elenco era nordestino. Então, acho que esse crescimento no mercado regional vem desses produtos que mostraram um bom resultado, saindo um pouco desses rostos que a gente está acostumado a ver desde criança. Creio que esse

Thardelly Lima em cena de 'Mar do Sertão', primeira novela em que mais de 70% do elenco era nordestino: "Produtos que têm mostrado bom resultado, saindo desses rostos que a gente está acostumado a ver desde criança"

novo formato vai dando um respiro para quem deseja conhecer coisas novas”, declarou.

E tem novidade nordestina chegando na televisão, com obra ambientada no Cariri paraibano. É a novela da Rede Globo *No Rancho Fundo*, do mesmo autor de *Mar do Sertão*. Prevista para estreiar em abril, deve contar com um ator paraibano já tarimbado nas produções audiovisuais da emissora, mas, por razões contratuais, o nome ainda deve ser preservado.

# Tempo de colheita

Há quase 20 anos trabalhando na área do audiovisual, o cineasta, produtor cultural, e um dos coordenadores da *Mostra Acauã do Audiovisual Paraibano*, Laércio Ferreira Filho, afirmou que essa maior agitação com foco nos artistas, diretores e cenários da Paraíba é uma colheita do que vem sendo plantando no cinema do estado há tempos. “Nosso cinema é muito forte. Desde de Linduarte Noronha, Vladimir Carvalho, Machado Bittencourt, passando por Torquato Joel, Sílvio Toledo, Eduardo Moreira, que este segmento tem orgulhado e divulgado a Paraíba mundo afora.”

Laércio disse que, aos poucos, “o restante do país está se dando conta que, além de termos cenários maravilhosos, sol de janeiro a janeiro, temos também artistas, produtores, técnicos e uma série de coisas bacanas que podem e devem ser incluídas na indústria cinematográfica nacional e mundial”. “A Paraíba é um dos poucos estados que produz cinema em todas as suas regiões e, não só produz como exibe através dos mais de 20 festivais que acontecem em todo o estado.”

FOTO: MARCELO PAES/DIVULGAÇÃO



Laércio Filho, da Mostra Acauã: “Paraíba é um dos poucos estados que produz cinema em todas as suas regiões”

FOTO: DIVULGAÇÃO/GLOBOPLAY



Isadora Cruz na gravação de ‘Guerreiros do Sol’, abordagem mais romantizada de Lampião e Maria Bonita com previsão de estreia em 2024, na Globoplay

## A virada de página para um novo momento

Tudo leva a crer que essa “primavera do cinema paraibano” - e nordestino - não será passageira, mas como reflexo de um trabalho profícuo, iniciado há décadas, tende a crescer e se fortalecer. Pelo menos essa é a dedução de artistas e especialistas do audiovisual. A presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC), Zezita Matos, afirmou que vê esse movimento como um processo acumulado, que vem desde Linduarte Noronha e Vladimir Carvalho.

“A Paraíba sempre esteve à frente de outros estados do Nordeste. Temos o *Aruanda* (1960), de Linduarte Noronha; o *País de São Saruê* (1971) de Vladimir Carvalho, e outros tais, que são referência para o cinema. Acho que esse momento veio para ficar, porque nós estamos com leis de incentivo à Cultura. No meu caso mesmo, três pessoas já me convidaram, pediram carta de anuência para fazer trabalhos futuros. Mas, agora, não posso contar detalhes”, contou Zezita.

Entre os trabalhos que a atriz gravou do ano passado para cá, estão os curtas-metragens *Cercas*, dirigido pelo paraibano Ismael Moura; *Flores*, gravado em Alagoa Grande sob a direção de Leonardo Gonçalves, e *A Gota D’Água*, da cineasta paraibana Andryelle Araújo. Ainda pode ser lembrado o longa *A Alegria do Amor*, dirigido por Márcia Paraíso. Em um dos cenários, o filme mostra um quilombo situado no Sertão brasileiro.

Segundo o escritor, roteirista e professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação na área das Culturas Midiáticas Audiovisuais, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Marcel Vieira, o maior interesse do audiovisual nacional em relação ao Nordeste, e particularmente a Paraíba, está ligado a um processo contínuo de representação nacional de um Brasil mais diverso, sobretudo no sentido dos territórios.

Ao citar a novela *Pantanal* (segunda versão, exibida em 2022 pela Rede Globo), que exaltou a cultura da re-





IMAGEM: REPRODUÇÃO

Realizado por Laércio Ferreira Filho e Maria Tereza Azevedo, pai e filha, o curta-metragem de animação 'Anjos Cingidos' foi premiado nos EUA



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Marcel Vieira, professor: Nordeste inserido em processo contínuo de representação nacional de um Brasil mais diverso

## "O grande desafio para a Paraíba é fazer com que o estado seja menos cenário e mais produtor das próprias narrativas"

gião pantaneira, o professor disse que a ideia foi mostrar o Brasil profundo, as coisas peculiares das regiões que, historicamente, sempre estiveram na esteira das obras da Globo.

"E esse olhar mais específico do Nordeste vem, portanto, na esteira de uma necessidade de representar esse Brasil plural. Eu acho que isso

se manifesta em várias obras: em *Renga Hits* (série produzida pela Globoplay), com esse universo do sertanejo no interior de Goiás; na própria *Pantanal* e na novela *Mar do Sertão*, que também tinha essa coisa desse sertão interiorano. Creio que é um espectro da construção do imaginário desse Brasil plural que tem,

certamente, muito interesse", frisou o professor.

Marcel Vieira explicou que o grande desafio para a Paraíba é fazer com que o estado seja menos cenário e mais produtor das próprias narrativas, pois há uma grande dificuldade entre os atores, diretores e produtores de se verem como construtores da própria realidade, deixando de serem parte de uma propriedade intelectual de uma grande produtora do Sudeste do país.

"Esse é um desafio que os produtores de audiovisual estão lidando, sobretudo a partir dos anos 2000, com movimentos mais fortes nesse sentido, como o movimento do 'A Paraíba Precisa Ser Assistida', do Fórum do Audiovisual da Paraíba". De acordo com o professor, essas grandes marcas querem se apropriar do "objeto cultural genuíno do interior", mas quando chegam aqui, produzem e vão embora.

Porém, para ter domínio sobre essa espécie de autonomia criativa do audiovisual, Marcel enfocou que a Paraíba precisa "lutar para ter um sistema de fomento sólido, robusto e contínuo, que permita com que os agentes criativos também sejam capazes de contar suas próprias histórias". "E que essa Paraíba contemporânea circule nos diferentes extratos do audiovisual", ressaltou Marcel.

## A virada de 2018

Para Lúcio Vilar, professor do Departamento de Mídias Digitais (Demid), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e idealizador do *Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro*, esses “novos olhares” para a Paraíba e o Nordeste como um todo não são bem uma novidade. O professor enfocou que em *Cinema, Aspirinas e Urubus* (2005), o estado se destacou pela presença “iluminada da atriz Zezita Matos” nesse projeto, que se tornou “referência na época”.

Anos antes, em 1998, ele recordou que atrizes paraibanas, como Soia Lira e Ingrid Trigueiro, participaram de uma obra que concorreu ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro (*Central do Brasil*). “Então, eu diria que isso foi um processo iniciado pelos palcos (não custa lembrar que Marcélia Cartaxo foi descoberta para o cinema a partir de uma peça de teatro) e filmes de curtas e longas-metragens produzidos nessas duas décadas do século 21, com selo paraibano, que também alcançaram excelência em 2018, com a chamada ‘primavera do cinema paraibano’”, enfocou o professor.

Segundo Lúcio, todo esse processo tem resultado em uma maior visibilidade midiática, especialmente nos últimos anos com as telenovelas (um dos principais produtos da indústria cultural brasileira), e agora com a série *Cangaço Novo*, um marco do streaming nacional. “São alguns pontos de partida para entendermos essa trajetória de ascensão e reconhecimento em âmbito nacional, o que é indiscutível e muito positivo”, ressaltou Vilar.

Sobre a constância ou não dessa visibilidade, Lúcio Vilar reforçou que 2018 assinala uma mudança substancial no panorama local do audiovisual, e essa virada de página teve impactos extremamente salutares. Desde então, a cadeia produtiva do audiovisual experimentou um salto exponencial em termos de profissionalização e excelência de resultados com longas-metragens premiados e legitimados pela crítica especializada.

O professor ressaltou ainda que, “apesar dos quatro anos de ‘trevas’ e

dos editais que deixaram de ser promulgados, a verdade é que isso não foi suficiente para deter esse processo evolutivo na trajetória da Sétima Arte paraibana.

“Agora, com a Lei Paulo Gustavo, novamente se amplia o horizonte de muitas produções nos próximos dois anos, sendo um momento de nova oxigenação do setor, que já esboça projetos de coproduções internacionais (caso do diretor e roteirista André Moraes), por exemplo”, disse o professor.

Para ele, “isso significa, na prática, um salto de qualidade na perspectiva da internacionalização da produção audiovisual paraibana, uma nova e promissora janela do ponto de vista da visibilidade de nossos filmes e, mais importante, da distribuição, eterno gargalo do cinema brasileiro”. “Isso, com certeza, pode representar outro relevante marco histórico, assim como foi a ‘primavera’ em 2018. *Malaika*, o novo longa do André Moraes, pode vir a simbolizar esse novo patamar a partir de 2024/2025”, completou.

*Malaika*, longa-metragem gravado no município de Catolé do Rocha, foi



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Para o professor Lúcio Vilar, repercussão atual do audiovisual na Paraíba começou pelos palcos de teatro

batizado com o nome da personagem principal, interpretada pela atriz Vitória Bianco. Na história, a menina Malaika, albina, é filha de pais negros que vivem no Sertão da Paraíba. O filme mostra a jornada íntima dessa linha tênue entre masculino e feminino, infância e adolescência, sagrado e profano. Nesse universo, está uma criança e a hostilidade do mundo. O filme foi considerado o melhor projeto audiovisual do Laboratório de Produção Executiva, que ocorreu durante o Festival Internacional de Cinema de João Pessoa, organizado pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope). O cineasta André Moraes, que assina o roteiro e a direção da obra, foi premiado pelo Cinema do Brasil, parceiro do festival.

# “Mais um legado de Ariano para o Brasil”



FOTO: LAURA CAMPANELLA / DIVULGAÇÃO

Matheus Nachtergaele e Selton Mello retornam aos papéis de João Grilo e Chicó em 'O Auto da Compadecida 2', previsto para estreiar em 2024

“Vejo a retomada desse filme como um legado de Ariano para o Brasil. Creio que essa iniciativa é importante, porque as pessoas estão sentindo a necessidade de rever os personagens. Isso pesou na decisão da família na hora de liberar o filme”, afirmou Manuel Dantas Suassuna, filho do escritor e dramaturgo paraibano Ariano Suassuna (1927-2014) sobre o filme *O Auto da Compadecida 2*. Esse é mais um projeto ambientado no Nordeste que deverá chegar às telonas no próximo ano.

Baseado na obra do saudoso Ariano, o longa teve a primeira versão lançada nos anos 2000, sendo sucesso de bilheteria no Brasil. Agora, Guel Arraes, o mesmo diretor de *O Auto da Compadecida*, decidiu dar continuidade à trama que gira em torno dos personagens João Grilo e Chicó.

No entanto, antes de dar o pontapé

nesse projeto, Guel Arraes consultou a família Suassuna. “Foi um período longo de conversas, até chegar à liberação. Eu acho que estava na época da pandemia ainda. A gente partiu do pressuposto que papai, junto com ele, pensaram numa retomada. Mas, depois desistiram. E isso também foi uma das questões que a gente avaliou. Agora, achamos que o Brasil merecia essa volta”, explicou Manuel.

Sobre o diálogo com o diretor do longa, não houve qualquer interferência ou “pitaco” da família de Ariano sobre o desenrolar da trama. “A gente perguntou mais ou menos como seria, e nós todos concordamos que era um bom caminho, uma boa história. E aí, seguiu em frente”, completou.

Vale destacar que a primeira produção de *O Auto da Compadecida* foi lançada como minissérie em 1999. O sucesso foi tão grande que se transfor-

mou em um longa-metragem de igual notabilidade. A história é baseada na peça teatral homônima, escrita por Ariano Suassuna.

Pouco detalhe se sabe sobre a gravação do projeto, mas segundo veículos de notícias como a revista Exame e a CNN Brasil, as gravações começaram em agosto e os atores Matheus Nachtergaele e Selton Mello retornaram aos papéis de João Grilo e Chicó. No elenco, Taís Araújo interpreta Nossa Senhora, antes encenado pela atriz Fernanda Montenegro. Ainda há a volta de Virgínia Cavendish, como Rosinha.

“A expectativa para a estreia é a melhor possível. A gente está torcendo que dê tudo certo e que o público goste. Não só a gente, mas o Brasil inteiro está numa expectativa muito grande para ver a retomada dessa história”, afirmou Manuel Dantas.



FOTO: ROBERTO QUEDES/A UNIAO

Manuel Dantas Suassuna, filho de Ariano: longas conversas para liberar os inesquecíveis personagens criados pelo escritor paraibano

# Trabalho em efervescência: com qualidade e quantidade de produções

A efervescência de gravações por parte de atores e produtores do audiovisual paraibano nos últimos meses também demonstram um momento relevante na história do cinema no estado. O ator e gestor de cultura uiraunense, Buda Lira, realizou oito trabalhos entre curtas, longas e séries do ano passado para cá, número relevante se comparado a outras fases da carreira. Ele terminou, há pouco tempo, dois curtas-metragens – *Ponto e Vírgula* (Thiago Kistenmacker) e *A Lenda dos Cavaleiros da Água* (Helen Quintans), bem como uma participação na série *Maria Bonita* (Sérgio Machado). Vale destacar, ainda, o trabalho em *Cangaço Novo* (Aly Muritiba e Fábio Mendonça).

Ao falar sobre os últimos projetos, sobretudo *Maria Bonita*, Buda enfocou “que sempre é muito bom trabalhar na região do cariri paraibano, uma vez que as gravações da série ocorreram no município de Cabaceiras, na nossa ‘Roliúde Nordestina’”. “Já estive por lá e pelo Seridó do Rio Grande do Norte não faz muito tempo, trabalhando no *Cangaço Novo*. Viver a experiência de troca com a população do local que participa dessas produções, além da vivência com artistas convidados sempre é uma alegria”, afirmou. Para ele, o que se verifica com entusiasmo no contexto atual do cinema paraibano, “é uma qualidade e quantidade de produções – longas, curtas e festivais – como não se via na história da Paraíba”.

Buda contou que é necessário identificar os fatores que favoreceram “esse momento extraordinário”: “iniciativas que incidem na formação de pessoal e incentivo financeiro. No primeiro caso, destaco o trabalho da UFPB no final de 1970, com a criação do Núcleo de Documentação Cinematográfica e, posteriormente, a criação do curso de cinema. Mais recentemente, ainda na área de formação, registre-se o trabalho do roteirista e

diretor Torquato Joel com a realização de cursos voltados para cidades do interior do estado”.

No caso do investimento financeiro, Lira declarou que é preciso “recuperar os editais de incentivo da Funjope (Fundação Cultural de João Pessoa), em parceria com a Agência Nacional do Cinema (Ancine) e o Governo Federal”. Segundo ele, esses investimentos, com recursos majoritários do Governo Federal, resultaram na produção de longas e curtas-metragens que ainda hoje repercutem. “Ainda bem que há uma boa expectativa para os próximos anos, com a retomada desses investimentos via Lei Paulo Gustavo e outras iniciativas em curso”, declarou.

Ao lado das participações em filmes e séries, o ator ainda desenvolve o projeto *Fábrica de Adereços e Cenografia*, uma iniciativa de cursos artísticos e técnicos voltados para a formação de jovens nessa área. Desde novembro de 2022, em parceria com a Casa Pequeno Davi, o Bloco Cafuçu promoveu cursos de artes visuais, marcenaria, eletricidade básica, corte e costura e eletrônica alternativa.

“Esse projeto, que pode contri-

**Apesar dos “bons ventos”, o audiovisual enfrenta inúmeros desafios, entre eles a distribuição dos filmes e de outras produções**

buir para a ocupação e geração de renda de jovens, deve ser concluído em fevereiro do próximo ano, com a decoração de três praças do desfile do Bloco, coordenado pelo cenógrafo, figurinista, ator e diretor de teatro, João Marcelino. Ele será o responsável pelo curso de adereços e cenografia. Tere-mos ainda um curso de cinema como forma de prática da vivência das pessoas ao longo do projeto”, comentou.

Buda reconheceu que houve uma maior abertura de trabalhos voltados para o Nordeste, mas constatou que temas com personagens e cenários da região sempre tiveram um alcance de público. As produções cinematográficas bem realizadas do ponto de vista de roteiro, atuação e direção seguem essa boa relação com os amantes da Sétima Arte.

Não se pode esquecer, porém, que apesar dos “bons ventos,” a área do audiovisual enfrenta inúmeros desafios, entre eles a distribuição dos filmes e de outras produções. “Ainda não há público nem uma estrutura que garanta uma relação frequente do que é produzido aqui na Paraíba com as pessoas que assistem. Penso que esse é o maior desafio, não somente para a produção cinematográfica paraibana, mas brasileira de modo geral. Na Paraíba, ainda há uma antiga “rede” de salas de cinemas desativadas que poderiam ser revitalizadas”.

Ele contou que, recentemente, fez um levantamento e identificou cerca de 12 salas em condições de serem restauradas no Estado. “Lembro, por último, que a Paraíba já teve condições de se investir algo em torno meio bilhão de reais em infraestrutura cultural, entre 2011 e 2018. Por outro lado, penso que as TVs locais, públicas e privadas podem contribuir e muito com a difusão do audiovisual paraibano”.

Ao falar sobre os profissionais, Buda Lira Buda Lira enfocou que a Paraíba tem uma experiência bem-sucedida de atrizes e atores que já ocuparam espaços de destaque em produções de repercussão nacional e internacional. “Mas, se pensarmos que ainda temos um número expressivo de artistas e técnicos aqui no estado da Paraíba (e em todos os estados do Nordeste), a ideia é de que precisamos de fato da tão sonhada regionalização da produção audiovisual. Somente desse modo, fará sentido a expressão ‘audiovisual brasileiro’”.

# Talento do cinema paraibano ultrapassa fronteiras

Laércio Ferreira Filho, produtor cultural, roteirista, cineasta e um dos coordenadores da *Mostra Acauã do Audiovisual Paraibano*, realizado em Aparecida (PB), é um dos profissionais veteranos do cinema no estado. Ele entrou para o segmento em 2004, na primeira edição do programa *Revelando os Brasis*, que era realizado pelo Ministério da Cultura. De lá pra cá, já roteirizou e dirigiu nove curtas e participou, como assistente e produtor, de outros trabalhos em parceria com Leonardo Alves, Diassis Pires e J. França.

No ano passado, ele lançou o curta-metragem de animação *Anjos Cingidos*, dirigido por ele e sua filha, Maria Tereza Azevedo. A obra, que fala da mortalidade infantil no século 20, foi premiada no festival *Student World*

*Impact Film Festival*, nos Estados Unidos, prova de que os talentos da terra ultrapassam fronteiras.

“Sempre vejo nos festivais, a oportunidade de levar o nosso trabalho para um maior público possível. Para mim, isso já é uma grande premiação. Poder levar um filme para fora do Brasil, para um país que tem a indústria cinematográfica como tem os EUA é, sem dúvida, motivo de alegria e orgulho”, comentou.

*Anjos Cingidos* conquistou duas menções honrosas no festival americano. “Quando recebi a notícia das duas Menções Honrosas, fiquei muito feliz, emocionado e satisfeito pela forma como o cinema tem se interiorizado na Paraíba. Pela força que o interior está demonstrando e por mostrar que

somos capazes de produzir com qualidade e com a responsabilidade de representar o forte e premiado cinema paraibano”.

Laércio Filho afirmou que, há alguns meses, está preparando dois roteiros para o próximo ano. Um deles aborda a pandemia e o outro é um documentário sobre um grupo musical que atuava no interior do estado na década de 1980.

Sobre o segmento audiovisual paraibano, ele disse que estamos vivendo esta nova fase das leis de incentivo do Governo Federal, como o da Aldir Blanc e a Paulo Gustavo. “Espero honestamente que após a aplicação destes recursos, surjam outros editais, inclusive com recursos estaduais, para realmente manter esse aquecimento. Não temos ainda um ‘mercado audiovisual’, propriamente dito, mas poderemos criar a partir desta efervescência do momento, e o surgimento de novos e bons realizadores que se juntarão aos tantos talentosos que já temos.”

FOTO: ARQUIVO PESSOAL/SÍLVIO TOLEDO



## Valorização das produções locais

O cineasta paraibano Sílvio Toledo é um dos profissionais do cinema paraibano que está em constante atividade. Entre curtas e longas finalizados ou iniciados esse ano pode-se citar *Juvenal e o Dragão* (animação), *Vida Entre Folhas* (drama/fantasia), *Shadows Side* (suspense) e *Operação Borboleta* (policial). Ele já

Bastidores da filmagem de ‘Vida Entre Folhas’, de Sílvio Toledo: próximo projeto do diretor paraibano será voltada ao mercado internacional

prepara a claquete para gravar, em dezembro, um longa-metragem de suspense, com roteiro próprio e um elenco quase todo paraibano.

“Será uma produção voltada ao mercado internacional. Faz parte de nossa busca por uma produção sustentável e novos espaços. Ainda é uma aposta e tentativa. Por conta do contrato de sigilo com nosso parceiro internacional, ainda não podemos adiantar informações a respeito”, adiantou.

Toledo comentou que a Paraíba vem ampliando sua produção local e atraindo, cada vez mais, trabalhos de fora para o estado. “Acredito que muito disso se deve ao grande sucesso que foi o *Auto da Compadecida*, que tornou-se um dos melhores filmes do Cinema Brasileiro e consagrou Cabaças como a Roliúde Nordestina.”

Segundo ele, os talentos paraibanos também despontaram na novela *Velho Chico* (2016) e em *Bacurau* (2019), chamando a atenção de criadores de outras regiões. Ele ainda lembrou que, há pouco tempo, o estado foi cenário para a minissérie *Onde Nasceram os Fortes*, cujo elenco contava com atores como Fábio Assunção, Débora Bloch e Patrícia Pillar. Para ele, o estado sempre teve uma conexão forte e histórica com o audiovisual e as novas tecnologias baratearam os custos de produção, além melhorarem a capacitação dos profissionais da área.

Ao falar da visibilidade que os artistas e a região vêm tendo nos últimos anos, Sílvia afirmou que sempre houve talentos isolados, mas acredita que a novela *Velho Chico*, que contou, inclusive, com a atuação da paraibana Lucy Alves, “foi um divisor de águas e ampliou o olhar” para os profissionais da região.

“Para quem vive na selva de pedras dos grandes centros, onde a TV e o cinema dominam, o Nordeste é um lugar mágico, quase um oásis, seja com melhor ou pior qualidade de vida, mas com cenários e histórias inspiradoras. Os grandes centros estão inundados de trabalhadores nordestinos que foram mão-de-obra responsáveis pelo desenvolvimento. Então há pais, avós e bisavós nordestinos em massa nestes lugares. Por muito tempo, o sotaque deles foi ocultado. Agora, com bons atores da região ganhando espaço com seu sotaque autêntico, fica mais verdadeiro.

FOTO: DIVULGAÇÃO/REDE GLOBO



Lucy Alves na novela 'Velho Chico': divisor de águas que ampliou o olhar para os profissionais nordestinos

A Paraíba e os atores paraibanos estão provando seu talento e conquistando o país”, ponderou o cineasta.

Silvio Toledo possui, juntamente com Natali Braga, a produtora de cinema independente *Stairs Films* ([www.stairsfilms.com](http://www.stairsfilms.com)). Ele explicou que a falta de financiamento é sempre um desafio para quem atua na área, mesmo assim é possível seguir adiante. Uma das principais dificuldades é levar o filme até às salas de cinema e ao mercado, pois não há programas locais de incentivo ou, quando têm, “não são tão eficazes”. “Estamos com muita esperança na Lei Paulo Gustavo, para democratizar os acessos e melhorar essa situação.”

Entre os filmes recém-finalizados, sem fase de conclusão e novos projetos, foram, pelo menos, sete trabalhos paraibanos postos em ação recentemente. Incansável batalhador em manter as produções locais, o cineasta afirmou que, para ele, não adiantaria trabalhar para grandes estúdios sem ter influência sobre o conteúdo, pois sempre acreditou que os artistas do estado poderiam sobreviver de sua arte, sem ter que deixar a região. De acordo com Silvio, isso implica, muitas vezes, não protagonizar sua própria história.

“É isso que me inspira, e é isso que me faz lutar incansavelmente”, disse. Os trabalhos já vêm recebendo visibi-

lidade fora da Paraíba. A equipe foi indicada ao *Grande prêmio do Cinema Brasileiro 2020* pelo longa de animação *A Princesa de Elymia*, lançado em 2019 e exibido em circuito nacional.

Pelo ritmo frenético no ambiente da *Stairs Films*, tudo indica que muito mais obras vêm pela frente. “Estamos fazendo bons filmes que falam, autenticamente, da nossa realidade, estamos dando mais voz aos nossos artistas.”



FOTO: DIVULGAÇÃO/PRIME VIDEO

Buda Lira em 'Cangaço Novo': vivência com outros artistas e com a população das locações onde grava é sempre uma grande experiência

## Uma realidade ainda “estereotipada”

Apesar da maior evidência que a Paraíba, e o Nordeste como um todo, estão tendo no mercado cinematográfico brasileiro, especialistas enfocam que sempre há espaço para aperfeiçoar o tratamento dado aos personagens e à visão que se tem da região. O estereótipo da seca, de cidades pobres e da gente sofrida, quando não estão em primeiro plano nas cenas, permeiam as entrelinhas da trama.

Segundo o professor Marcel Vieira, sempre que o Nordeste é representando pelo outro, é construído por características que são socialmente construídas. “Acredito que a gente pode ir além da estereotipia quando a gente conta nossas próprias histórias. O nosso desafio não é só grandes produções de fora que representem melhor, ou representem de modo menos estereotipado o Nordeste, ou menos caricato. Mas, é dar condições para que nossos criativos, nossos agentes culturais, possam contar suas histórias. E a partir dessas histórias, a gente possa ajudar de fato na construção de um novo imaginário. Porque, quando a gente olha para produções recentes, esse olhar para um Sertão ainda impregnado de um imaginário de interior arcaico é muito forte.”

Ele citou a série *Cangaço Novo* e a telenovela *Mar do Sertão* como exemplos desse olhar menos ampliado para a região. “Óbvio, algumas particularidades são atualizadas. Mas, nossas questões são rural e praia. A gente não tem obras, sobretudo de fora, falando sobre o nosso território, que não

sejam nesse registro”, completou Marcel.

O docente comentou que no estado tem muito mais o que se costuma mostrar, pois existe uma Paraíba tecnológica, com seus parques avançados e um Nordeste que está na vanguarda das energias renováveis. “Acho que a gente tem muitos imaginários dentro desse Nordeste. Precisamos lutar para que possamos contar nossas próprias histórias e ajudar a criar outros imaginários. Não vai vir de fora para dentro, a gente precisa que venha de dentro e depois se espalhe”, explicou.

Para o professor Lúcio Vilar, comparado há alguns anos, houve uma evolução nesse sentido. Ele ressaltou que os estereótipos e outras leituras e versões reducionistas do Nordeste, cristalizadas na mídia televisiva e em outros veículos, “estão em grande parte superadas no campo audiovisual, seja no que diz respeito à teledramaturgia, seja nas produções cinematográficas propriamente ditas”.

“Isso é um sinal de amadurecimento das empresas produtoras de conteúdo que acordaram para o potencial da região que se deixava de explorar. A chamada regionalização que tanto se buscou e se reivindicou, de alguma forma se materializou na TV aberta e na experiência mais recente do streaming. Temos a geografia (vide *Cabaceiras* e sua enorme lista de produções já rodadas na região), luz natural o ano inteiro e atores/atrizes hoje disputados por produtores, roteiristas e diretores”, pontuou Vilar.

**Alexsandra Tavares** é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

# O novo despertar do 'nordestern' no cinema

Alexsandra Tavares Madruga  
lekajp@hotmail.com

O gênero "nordestern" volta aos cinemas como uma força que irradia luz às produções nacionais e aos corações das multidões que se aglomeram diante das telas que exibem obras baseadas neste fa- roeste nordestino. Parece que tudo o que esse gênero permeia brilha, a exemplo de *Bacurau* (2021), *Sertânia* (2020) e, mais recentemente, *Cangaço Novo* (2023), que integra o painel *Do 'Nordestern' ao 'Cangaço Novo'*, dia 1º de dezembro, às 10h30, na Sala Vladimir Carvalho da Usina Cultural Energisa, em João Pessoa com o codiretor da série da Prime Vídeo, Fábio Mendonça (leia entrevista na página 19), e a presença de atores paraibanos que estiveram na produção.

As mentes criativas estão cada vez mais inspiradas, trazendo filmes premiados e aplausos da crítica, aliando as raízes do cangaço às novas tecnologias. O resultado é o arrebatamento de público.

"Há essa atualização de fato pujante do nordestern, o que se dá através de diferentes inspirações e filiações", declarou o

sociólogo e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Aécio Amaral, mencionando *Baile Perfumado* (de Lício Ferreira e Paulo Caldas/1997); *Sertânia* (de Geraldo Sarno/2020) e *Bacurau* (de Kléber Mendonça Filho e Juliano Dorneles/2019) para exemplificar que essa nova "onda" do gênero não é tão recente quanto parece.

"Desde a retomada do cinema brasileiro, na década de 1990, o nordestern voltou às produções audiovisuais no Brasil. Podemos mesmo dizer que o gênero marca parte dessa retomada, com o filme *Baile Perfumado*, de Lício Ferreira e Paulo Caldas, que retrata a saga do fotógrafo libanês Benjamin Abrahão para fotografar Lampião e Maria Bonita (e seu bando) em momentos cotidianos e de intimidade", afirma o professor Aécio.

Segundo ele, nessa obra há a exposição das únicas imagens em movimento de Lampião e seu grupo transgressor, que são do filme *Lampião*, de 1936. Diante desse resgate, *Baile Perfumado* "inscreve a temática do banditismo social do Nordeste do Brasil, que está presente já nos primórdios do cinema brasileiro, no chamado 'cinema da retomada'".

Que o gênero alia a cultura do cangaço a uma nova roupagem, roteiros e fotografias cada vez mais envolventes é fato, mas a mola propulsora que direcionou essa chegada é motivo para reflexão. Para Aécio Amaral, são várias razões e motivações para esse retorno. O filme *Sertânia*, por exemplo, traz "uma reflexão poética e, sob vários aspectos, autorreferente do diretor sobre o Sertão, o Nordeste e a mobilização brasileira."

Já do ponto de vista do "cinema autoral poético e reflexivo", ele enfocou que *Sertânia* é uma espécie de canto do cisne do nordestern, como se sinalizasse para o esgotamento de um certo tipo de abordagem cinematográfica, ou pelo menos o descompasso entre essa abordagem e o gosto do público. "A sequência final do filme, em que a cabeça do cangaceiro Gavião é exposta em praça pública em uma pequena comunidade do Sertão baiano e o fato passar desper-

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Para Maria do Rosário Caetano, o nordestern recriou o western, opondo os bandidos cangaceiros contra os mocinhos das volantes: "Mas nunca se quis dar às volantes o status heróico"



cebido pelas pessoas, mais interessadas em uma quadrilha junina estilizada, me parece uma alegoria irretocável sob esse aspecto. Não à toa, o filme foi considerado o melhor do ano pela Abraccine quando de seu lançamento, mas até hoje não alcançou o grande público”, completou o professor.

Sobre os exemplares mais recentes do gênero - *Bacurau* e *Cangaço Novo* - Amaral afirmou que “alcançam uma fórmula que combina qualidade artística e forte apelo de público”, embora as motivações de ambas tenham sido diferentes. “Mendonça Filho e Dornelles assumem uma inversão das narrativas típicas do faroeste, pois a figura caricaturizada no filme não é o nativo, e sim o colonizador europeu e estadunidense. Não custa lembrar que o filme foi bastante ajudado pela circunstância política dicotômica vivida pelo Brasil à época do seu lançamento, conseguindo o efeito estético impressionante de lotar salas de cinema com espectadores à esquerda e à direita”.

O professor acrescentou que o domínio narrativo e metanarrativo dos diretores fez com que o nordestern voltasse a ser premiado em Cannes. “Coincidentemente, o primeiro filme brasileiro premiado lá foi *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, que é visto como a obra inaugural do nordestern.”

Já no caso de *Cangaço Novo*, ele vê, na obra, um interesse de se aproximar da realidade local. “Mas a fórmula que combina certos estereótipos sobre o Nordeste e o Sertão, e a estetização da violência pareceram, afinal, um caminho mais seguro para atrair a massa”.

O professor explicou que a atração exercida pelo nordestern é variada, tanto em termos de público quanto de crítica e, via de regra, as obras que se valem de estereótipos e caricaturas, independentemente da orientação geral da narrativa, atraem multidões. Especificamente sobre o nordestern, a temática do Nordeste, segundo ele, sempre teve forte apelo no imaginário social brasileiro desde, pelo menos, a revolta de Canudos e o tratamento dado a ela por Euclides da Cunha.

“*Canudos* e *Os Sertões*, de Euclides, associado à imigração de nordestinos para Brasília e o Sudeste, entre meados do século passado e a década de 1970, instauram um repertório inesgotável de narrativas e motivos, com forte apelo de público – lembremos que entre as décadas de 1940 e 1950 Luiz Gonzaga derrubou a audiência do samba nas rádios brasileiras cantando a saga do



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Aécio Amaral: obras que se valem de estereótipos e caricaturas atraem multidões

retirante sertanejo.”

Geograficamente, a migração mudou de rumo nos dias atuais e, segundo o professor, as estatísticas mostram não apenas uma migração de retorno, mas a busca pelo Nordeste como lugar de morada pelos nativos do Sul e Sudeste do país. Essa mudança geopolítica tem reflexo na arte, mais precisamente, no Cinema.

“Aqui as coisas se embaralham um pouco em termos da correspondência entre o *Nordestern* e os assuntos da comunidade política nacional e regional. Curiosamente, o termo ‘cangaço novo’ foi cunhado pela imprensa brasileira para classificar o fenômeno dos assaltos violentos a bancos em cidades do inte-

rior do país, algo que não se origina no Nordeste e nem se restringe a ele. A origem desse fenômeno está no tráfico de drogas centrado no Rio de Janeiro e na necessidade de irrigá-lo financeiramente com assaltos a banco”, comentou Aécio.

Para a jornalista, escritora e pesquisadora mineira Maria do Rosário Caetano, membro da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), o interesse pelo cangaço hoje em dia, apesar de real, é bem mais tímido do que se costumava ver nos áureos tempos em que o gênero se tornou uma “febre” no país. Basta lembrar da década de 1960, quando foram realizados 22 títulos audiovisuais em que se viam os “bandoleiros” de chapéu-de-couro estrelado. “E vale lembrar também a década de 1970, quando até a comédia (e a sátira) erótica recorreu ao cangaço com *A Ilha das Cangaceiras Virgens*, *Kung-Fu Contra as Bonecas* e *Pedro Bó, Caçador de Cangaceiros*”, disse.

Além dos trabalhos inspirados no cangaço já divulgados pela mídia atual, como a novela *Guerreiros do Sol* e a série *Maria Bonita*, há um novo trabalho dentro dessa temática que Maria do Rosário destacou, e que vem da mente criativa de Wolney Oliveira. O cearense acabou de concluir sua segunda incursão no longa-metragem documental sobre cangaceiros. O primeiro foi *Os Últimos Cangaceiros* (2011). “Temos que lembrar, também, *Milagre em Juazeiro* (1999), no qual o cangaço era tema secundário. Em seu novíssimo filme, Wolney se dedica ao mais famoso dos cangaceiros, Virgulino Ferreira, em *Lampião, o Governador do Sertão*, com lançamento previsto para 2024”, afirmou Caetano.

## Origem que remete a 'O Cangaceiro', lançado há 70 anos

Há 70 anos, era exibido nos cinemas brasileiros o filme *O Cangaceiro* (1953), superprodução dirigida por Lima Barreto para a Companhia Cinematográfica Vera Cruz. A obra rodou o mundo e foi exibida no Festival de Cannes, sendo premiada em uma categoria nunca mais vista no evento – a de melhor filme de aventura. Ao assistir a obra na época, o crítico, historiador e pesquisador potiguar Salvyano Cavalcanti de Paiva (1923-2000) criou o termo 'nordestern'.

Segundo o professor Aécio Amaral, antes do surgimento do termo, o universo do cangaço já era abordado nas telonas do país. “É importante mencionar que o cangaço, como tema narrativo, está presente no cinema brasileiro desde os anos 1920, precisamente durante a vigência forte do banditismo social no Nordeste. Infelizmente, essa produção, em sua maioria, realizada em Pernambuco e na Bahia, se perdeu. Mas é de fato com *O Cangaceiro* que o termo 'nordestern' é cunhado e, a partir dele,

torna-se um gênero narrativo com seus próprios códigos e referências”, acrescentou Amaral.

Maria do Rosário Caetano afirmou que o neologismo criado por Salvyano Cavalcanti também contaminaria, posteriormente, até a pornochanchada.

Ela explicou que o nordestern criou o *western* (ou faroeste), gênero de imensa relevância na história do cinema norte-americano. “Também chamados ‘bang-bang’, tais filmes opunham bandidos e mocinhos. Na aclimação do gênero ao Brasil, os antagonistas seriam cangaceiros versus volantes. Mas nunca se quis dar às volantes (forças oficiais que perseguiram os cangaceiros) o status heróico. Então, como mostram no livro *Cangaço, o Nordestern no Cinema Brasileiro* (Avathar, 2005), dos pesquisadores Lucila Ribeiro Bernardet e Francisco Ramalho Jr, criou-se uma dissidência dentro do próprio bando de cangaceiros. Um dos bandoleiros se apaixonou por uma mocinha e, fiel aos valores da sociedade, às suas instituições, passa a confrontar o cangaceiro-chefe, geralmente interpretado pelo ator ‘caradura’ Milton Ribeiro”, contou.

Já o cangaceiro-dissidente, segundo Rosário, era um galã “bonito”, como Alberto Ruschel ou Milton Rodrigues. “Esse esquema se repete em muitos dos filmes que constituem o ‘núcleo duro’ do gênero. Caso de *Entre o Amor e o Cangaço*, *O Cabeleira*, *Três Cabras de Lampião*, *A Lei do Sertão* e *A Morte Comanda o Cangaço*.”

São inúmeros trabalhos cinematográficos brasileiros inspirados nesse gênero cunhado por Salvyano Cavalcanti de Paiva. O estudioso potiguar vislumbrou, na obra, elementos que trariam diferenciais à história da cinematografia nacional. Maria do Rosário Caetano explicou que o filme de Lima Barreto se destacou por sua beleza plástica e pela expressiva fotografia assinada pelo britânico-brasileiro *Chick Fowle*, um verdadeiro paradigma que seria batizado de nordestern.

Rosário enfocou que, em sua estrutura de roteiro, *O Cangaceiro* é “convencional” e há, inclusive, grande polêmica em torno de um de seus ingredientes. Os cangaceiros mostrados na obra se locomovem montados em cavalos, coisa que fugia da realidade desse segmento no Nordeste, pois os verdadeiros cangaceiros brasileiros não costumavam usar montaria. Essa espécie de adaptação teria sido importada por Barreto dos *westerns* norte-americanos.

“Outro problema de *O Cangaceiro*, produção da Vera Cruz, empresa criada e mantida pela elite intelectual e financeira de São Paulo, é que ele foi realizado

no município de Salto, a 107 quilômetros da capital paulista. Sem mandacaru, xique-xique e outras plantas da caatinga”, citou Rosário.

## Nordeste ganha projeção no audiovisual

Dentro dessa roda viva de gravações voltadas ao cangaço, o cenário nordestino, seja recriado em estúdio ou exibido nas gravações *in loco*, ganha projeção especial. O interesse dos criadores pela região mostra que ela tem potenciais diversos, não apenas como elemento visual que ajuda a compor as cenas, mas como um verdadeiro e potente laboratório cultural que pode contribuir com os ideais dos diretores e atores. Quando indagada sobre as potencialidades dessas terras ensolaradas, a jornalista Maria do Rosário Caetano não titubeia.

“São imensas. Tanto que Cabaceiras e o Lajedo do Pai Mateus se transformaram na ‘Roliúde Nordestina’. Muitos diretores (Guel Arraes, Francisco Ramalho Jr e Aly Muritiba) preferem realizar seus trabalhos audiovisuais na região, pela autenticidade de suas paisagens físicas”.

Ela enfocou que a série *Cangaço Novo* se passa no Ceará, mas a Paraíba foi um de seus principais cenários. “Aguardemos a série *Maria Bonita* que, pela primeira vez, coloca a companheira de Lampião como protagonista absoluta num trabalho feito para a TV. As mulheres formaram minoria no cangaço, mas desempenharam papel importante. E isto está registrado no documentário *Mulheres no Cangaço*, que Hermano Penna, outro apaixonado por filmes do gênero, realizou para o Globo Repórter na década de 1970. O fez no mesmo momento em que Maurice Capovilla dirigiu *O Último Dia de Lampião*, para o mesmo Globo Repórter”, completou.

Já Aécio Amaral destacou que, em vista da importância do Nordeste no imaginário nacional, é natural que a região se torne atrativa para produções audiovisuais que a tematizam. Ele ressaltou, porém, que é importante que as produtoras locais e seus corpos técnicos e criativos se beneficiem desse momento, do contrário haverá a reprodução danosa de um problema grave trazido por outros ramos da indústria em suas relações com governos nas instâncias federal, estadual

e municipal: “Companhias de outros estados e países se beneficiam de incentivos fiscais à produção no Nordeste, e a mão de obra local é subaproveitada, restando-lhe funções sem especialização”.

No caso específico da Paraíba, o professor declarou que há, hoje, quadros nos setores de produção, fotografia, som, montagem, direção de arte, roteiro e direção que não deixam a dever a qualquer outra parte do país. “Infelizmente, as produções nacionais que por aqui aportam buscam, em sua maioria, auxílios secundários na produção local e elenco para personagens quase sempre secundários - aqui, novamente, *Cangaço Novo* é uma feliz exceção”, salientou.

Ele complementa: “Julgo fundamental sabermos, por exemplo, como os jovens roteiristas e diretores do Sertão da Paraíba recebem os conteúdos lançados por produtoras nacionais ou internacionais acerca da realidade de seu entorno, quando eles próprios estão produzindo conteúdos de qualidade”.

Ao arriscar um prognóstico sobre a longevidade do Nordestern nas produções brasileiras, Amaral disse que é difícil emitir um parecer sobre o assunto, uma vez que o gênero só conseguiu provar, até agora, a resiliência em meio às dificuldades do mercado cinematográfico nacional. No entanto, como em termos de público a narrativa é motivo de frisson e salas cheias, ele sinalizou um futuro promissor para o gênero.

“Há sempre interesse pela ideia de uma terra sem lei, a ‘no man’s land’ do faroeste estadunidense, assim como pelo desconhecido, algo que está na própria etimologia do ‘Sertão’. Isso independentemente de esse referente ainda encontrar respaldo na realidade. Trata-se de gêneros narrativos que despertam um senso de distinção, que faz com que alguns povos ou setores das sociedades se sintam ‘modernos’ ou ‘civilizados’ em detrimento do ‘arcaico’ e do ‘bárbaro’. Mesmo que, como diriam Caetano e Gil, ‘o Haiti seja aqui’ (ou em qualquer lugar).”

# Diretor de 'Cangaço Novo' destaca força do 'nordestern'

Jãmarri Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

Irrequieto. Acelerado. Apaixonado. O cineasta Fábio Mendonça nasceu em São Paulo (SP), mas compreende com profundidade a essência do Nordeste contemporâneo. Basta assistir à série *Cangaço Novo*, que ele dirige ao lado do também cineasta Aly Muritiba. Produção do Prime Video, foi lançada em mais de 240 países e territórios.

Formado em Artes Plásticas e Publicidade, Fábio tem mais experiência como gerador de conteúdo para o mercado publicitário, com mais de 300 comerciais. Mas sua produção na sétima arte explicita uma imersão diante das temáticas de suas obras.

Para realizar *Cangaço Novo* foram oito meses de imersão no Sertão da Paraíba e também no Rio Grande do Norte. Registrar a história e a luta da família de Ubaldo Vaqueiro, a criminalidade, o heroísmo e os jogos de poder encontraram uma mão firme nesse cineasta paulista.

Fábio Mendonça fala com total paixão sobre os desafios em torno da série. O diretor-geral também comentou a respeito da força do elenco paraibano, sobre o subgênero "nordestern" e a segunda temporada de *Cangaço Novo*.

Fábio estará em João Pessoa durante o 18º Fest Aruanda, que acontece de 30 de novembro a 6 de dezembro, no Mairá Shopping. Na sexta-feira, dia 1º de dezembro, ele integrará – a partir das 10h30 – o Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa II, no Painel 'Do Nordestern ao *Cangaço Novo* (Série da Amazon Pri-



FOTO: DIVULGAÇÃO/FESTARUANDA

Fábio Mendonça elogia elenco paraibano e fala sobre a segunda temporada: ansioso para que a gente consiga fazer mais filmagens na Paraíba

**"Eu acho o termo muito apropriado ('nordestern') e eu só fico na dúvida se a gente deveria, de fato, usar um termo americanizado"**

me, 2023), na Sala Vladimir de Carvalho da Usina Cultural Energisa.

Além do painelista Fábio Mendonça haverá os debatedores Dudha Moreira (atriz), Buda Lira (ator), Marcélia Cartaxo (atriz), Joálisson Cunha (ator) e Geyson Luiz (ator), com moderação de Maria do Rosário Caetano (jornalista da Revista de Cinema).

Além de *Cangaço Novo* (2023), Fábio Mendonça também tem em seu currículo *Vale dos Esquecidos* (2022) e *O Doutrinador* (2019), estas últimas da HBO. Também para a HBO, dirigiu dois episódios de *Psi* (2018), dois episódios de *Filhos do Carnaval* (2009) e assinou a criação e direção geral da série *Destino* (2012-2018).

Na TV Cultura, fez a direção geral da série *Pedro & Bianca* (2012-2014) – ganhadora do prêmio Emmy Kids Internacional de 2013. Já para o canal TNT, dirigiu episódios de *Rua Augusta* (2018). É do diretor o curta *Curupira* (2005), vencedor do prêmio de Melhor Filme no Festival do Rio de 2005. Seu primeiro longa-metragem foi *A Noite da Virada* (2014).

A seguir, leia a entrevista com o cineasta Fábio Mendonça:

## A entrevista

### ■ Qual foi o maior desafio para gravar 'Cangaço Novo' na Paraíba?

Foram muitos desafios, mas eu acho que um dos que mais fica evidente é o tamanho da produção e o tempo que a gente ficou na Paraíba e no Rio Grande do Norte. A gente ficou oito meses em trabalho de produção e filmagem. Uma equipe de aproximadamente 150 pessoas e, se contar os figurantes, acaba em quatro mil pessoas. A logística disso tudo e a operação foram um desafio extraordinário!

### ■ E o 'nordestern'...?

Eu acho o termo muito apropriado e eu só fico na dúvida se a gente deveria, de fato, usar um termo americanizado para isso... Acho que a gente deveria inventar o nosso próprio termo, como o subgênero deixa muito claro, assim, do que se trata... É a história do homem contra a natureza; o homem que tem aquele seu destino já

desenhado e que ele tenta lutar contra esse destino, até abraçá-lo com tudo. Aquele homem solitário com uma missão etc.... De uma certa maneira, a gente tem isso no *Cangaço Novo*, na figura do Ubaldo Vaqueiro e na figura do destino traçado. Tem a coisa da família e quando eu digo contra a natureza é porque, de fato, essa região do Cariri é muito dura e muito violenta para pessoas que não estão acostumadas.

#### ■ *'Cangaço Novo' quebra estereótipos de um Sertão brasileiro? É o lado B do Sertão...?*

Não me sinto autorizado a falar isso porque eu não conheço o Sertão tão profundamente assim para discernir o que que é lado A e lado B. A série trata mais sobre a questão da família, a questão do pertencimento, a questão da autodescoberta. É uma série com muita ação e muito drama, mas é uma série familiar, com drama humano. Eu acho que isso é que dá toda a força à série, mas dá para a gente dizer, sim, que *Cangaço Novo* foge dos estereótipos. Dos estereótipos que a gente mesmo inventou: daquele Nordeste ou dos nordestinos mais caricatos que fazem brincadeiras, ou aquelas figuras lendárias que tiveram lá atrás. Daquela mulher com lata d'água na cabeça, o vestidinho de chita... A gente foi atrás de um Sertão contemporâneo, onde o pessoal anda de moto e onde se escuta a música com fones de ouvido. É o Sertão onde o pessoal usa camisetas de marca de esportes. A gente foi atrás desse Nordeste contemporâneo. Fugimos completamente daquilo que é mais cômico.

#### ■ *Tem dublê da franquia 'Indiana Jones' em 'Cangaço Novo'?*

É o nosso coordenador de ação (Jordi Casares). Ele trabalhou em *Indiana Jones* e também em *007*. É um cara muito experiente e veio nos ajudar a fazer as cenas de ação, as cenas de capotamento de carro, as cenas das batidas de carro, os assaltos aos bancos... Eu queria botar essas cenas de ação num patamar um pouco mais alto e eu senti que eu precisava aprender.

#### ■ *Em qual momento você resolveu gravar no Nordeste?*

Eu adoro filmar fora de São Paulo. Esse projeto *Cangaço Novo*, já tem oito anos que estou com ele. Então, quero dizer que não foi repentinamente essa ideia de filmar fora. Foi uma coisa que veio gradativa... Essa história é boa: eu estava fazendo *Destino Salvador* como di-



FOTO: DIVULGAÇÃO/FEST ARUANDA

Fábio Mendonça dirige Marcélia Cartaxo (E) e Thainá Duarte (D) em *'Cangaço Novo'*: "A gente foi atrás de um Sertão contemporâneo, onde o pessoal anda de moto e escuta música com fones de ouvido"

retor e um dia eu fui fazer uma entrevista para o *making of*. Aí a Mariana Bardan falou que ela e o marido (Eduardo Melo) tinham um projeto, e ela me manda (o roteiro de) *Cangaço Novo*. Cara, eu fiquei espantado com o potencial do projeto e falei para eles: eu ajudo vocês, desde que eu dirija! Depois disso, eu levei para a O2 Filmes e eles gostaram. A partir daí, a gente começou a ver como seria a venda do produto. Os *players* (plataformas) foram enrolando e disseram que não! Até que entrou a Amazon Prime no Brasil e comprou a ideia na hora!

#### ■ *E a parceria com Aly Muritiba?*

Foi incrível! Muito legal! Ele é um excelente cineasta e a gente teve uma troca muito boa, e ele só agregou ao trabalho. Assim, não só pelo fato de ser um ótimo cineasta, mas também pela origem nordestina. Eu chamei várias pessoas para me ajudar porque eu sou do Sudeste e tive que ficar muito aberto a todas as colocações e a todos os comentários. Esse foi o grande lance, para mim, no *Cangaço Novo* e fiquei muito apaixonado pelo Cariri.

#### ■ *É bom trabalhar com elenco paraibano?*

Quando eu apresentei o projeto para a Prime pela primeira vez, a gente falou assim: essa série tem que ser feita exclusivamente com o elenco nordestino, porque eu não acredito nessa série com pessoas fazendo sotaque; e a gente tem que aprender com a turma e ter um time muito forte de lá. Esse é o momento de apresentar talentos e eu acho que não vai faltar gente. De fato, foi isso que aconte-

ceu: não faltava gente e os testes eram incríveis, muita gente legal, muito ator bom e com muita atenção, artistas que não chegam a esse tipo de produção no Sudeste. Uma possibilidade de janela internacional...

#### ■ *Importante para a arte para o mercado descentralizar a produção do audiovisual...*

Eu não tenho dúvida nenhuma! A gente tem um país muito grande e eu acho que a coisa mais bonita do nosso país é a diversidade. Diferentes expressões artísticas, do extremo sul ao extremo norte. A língua é diferente, as comidas são diferentes, o jeito de falar e a música... enfim, toda a expressão artística. Eu acho que já chegou a hora, aliás, já passou da hora da gente ter investimento cultural de alto nível fora do eixo Rio-São Paulo.

#### ■ *E a segunda temporada de 'Cangaço Novo'? O que é que a gente pode dizer?*

Essa é a pergunta de um milhão de dólares! (risos). Infelizmente, eu não tenho uma data para passar para vocês, mas está todo mundo ansioso para que a gente consiga fazer o quanto antes mais filmagens na Paraíba. A gente gostou muito do lugar. É muito adequado e o universo todo da série se passa lá. Estou totalmente encantado e agora vou poder voltar para a Paraíba para participar do Fest Aruanda.

Jâmarri Nogueira é graduado em Jornalismo pela UFPB e pós-graduado em Jornalismo Cultural pela FIP. Trabalha como jornalista profissional há quase 30 anos. Atualmente, integra a assessoria de imprensa da Funesc e é colunista no Portal T5.

# Naturalmente 'Aruanda'

Linduarte  
Noronha  
sempre soube  
da importância  
desses atores  
naturais para  
o sucesso de  
sua obra

Jâmarrí Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

Atores naturais do clássico documentário  
paraibano são homenageados pelo Fest Aruanda

No final da década de 1950, um quilombo formado em meados do século 19 por pessoas que haviam sido escravizadas - no sertão da Paraíba - foi o foco de um filme de Linduarte Noronha. Lançado em 1960, o curta-metragem paraibano *Aruanda* é um marco do Cinema Novo.

O documentário, da mesma época da inauguração de Brasília (DF), mostra - em 22 minutos - uma pequena população, isolada das instituições brasileiras. Gente presa a um ciclo econômico sem perspectivas, do plantio de algodão à cerâmica primitiva, no quilombo Olho D'água, na Serra do Talhado, em Santa Luzia.

Já se passaram mais de 60 anos desde a primeira exibição de *Aruanda*, com aquelas imagens cruas e em preto e branco em torno do cotidiano de personagens colocadas - à época - em um processo de invisibilização em meio a dificuldades econômicas brutais.

Antônia Carneiro dos Santos (conhecida como Neusa) e Erico Paulino Carneiro ainda eram crianças quando se tornaram protagonistas desse filme que surpreendeu as plateias do Rio de Janeiro e São Paulo quando de suas primeiras exibições em salas de cinema.

Erico está aposentado e mora na cidade de Santa Luzia. Antônia ainda trabalha no comércio de cerâmica. Ambos são símbolos de uma luta permanente e de uma obra que se fez eterna no audiovisual brasileiro.

A louceira Antônia Carneiro dos Santos, 71 anos, uma das mulheres do "barro", como são conhecidas, foi uma dos protagonistas do filme. Na época, com apenas oito anos. Em 2020, ela relatou (em entrevista ao jornal *A União*) a

FOTOS: REPRODUÇÃO



Cenas do seminal 'Aruanda', lançado em 1960: no alto, o menino Erico; abaixo, a família, com Neusa; representantes de uma realidade tão árida quanto poética

dificuldade durante as gravações: “Nós saía de casa sete horas do dia, depois que tomava o café. Nós descia andando, assim pra onde ele (Linduarte) dissesse que era pra ir, a gente ia”, recorda Antônia Carneiro, a Neusa.

Além da pequena Neusa, também participaram do filme *Paulino, Erico e Maria*, respectivamente pai, irmão e madrinha da menina. Eles aparecem logo no início do filme, representando quando Zé Bento partiu com a família de uma fazenda do Piauí, em meados do século 19, à procura de um lugar para viver. “Pai ganhou 12 mil réis para fazer a feira”, contou Neusa.

Na programação do 18º Fest Aruanda, os dois atores naturais que aparecem em *Aruanda* estão sendo homenageados. E Linduarte Noronha sempre soube da importância desses atores naturais para o sucesso de sua obra, possibilitando o lugar de fala em torno de um tema denso.

Abaixo, segue a transcrição de um trecho da palestra do cineasta Linduarte Noronha no evento ‘Aruanda - Conferências e Debates’, realizada em João Pessoa no dia 25 de junho de 1999, numa promoção da Fundação Pedro Horta.

Esse texto foi publicado originalmente na plaquete *Aruanda - Tributo a Linduarte Noronha* (Editora Universitária - UFPB) e, posteriormente, publicado no livro *Aruanda - Jornada Brasileira* (organização de João de Lima, Fundação Ulysses Guimarães - João Pessoa-PB).

Esse mesmo texto seria publicado novamente em edição do suplemento *Correio das Artes*, quando da comemoração dos 60 anos de lançamento do curta de Linduarte. São relatos do diretor a respeito do processo e dos bastidores do filme, inclusive sobre os atores naturais.

“Eu tive de enfrentar, também, o problema do ator natural. Tinha um menino que não queria saber de nada. João Ramiro sabe disso, chegou até a ficar com raiva de mim porque a gente demorava muito lá, cinco semanas, mas eu tinha embeijado por ele, esse menino não sai, não anda, tem medo de todo mundo, não fala! Aí um dia, eu perguntei: O que é que você mais gosta na vida? Ele disse: bombons! Aí eu lhe dei um saco daqueles bombons vermelhos, que quando cai no chão fica dois anos, a tinta no chão, chamava ‘pimentão’, né? Foi o salário dele.

Das coisas mais intensas que eu vivi, a convivência com aquelas pessoas de lá, aconteceu com João Carneiro. A gente



FOTOS: DIVULGAÇÃO/FESTARUANDA



Os irmãos Erico e Neusa, em Santa Luzia, 63 anos depois de terem sido capturados pela lente de Linduarte Noronha: homenageá-los é reconhecer a importância de ambos dentro da cena histórica de nosso audiovisual

repetia, andava, parava, voltava, mas ele se submeteu e, numa ocasião, ele olhou para mim e disse: Seu Lindro-lindro - ele me chamava assim - eu sei agora como é esse negócio de cinema. O senhor faz aos pouquinhos e depois, emenda tudo. Em cinema tem dessas coisas”.

Homenagear Antônia Carneiro dos Santos e Erico Paulino Carneiro é reconhecer a importância de ambos dentro da cena histórica de nosso audiovisual. Significa revisitar *frames* de luta social. Passo a passo. Aos pouquinhos. E emendando tudo.

Antônia e Erico são representantes de uma realidade tão árida quanto poética. Realidade dolorosa e invisibilizada que encontra remédio na exposição fílmica (que leva à reflexão). *Aruanda* continua Lindro-lindro...

# Soia Lira: 50 anos de carreira

Paraibana fala sobre sua trajetória, do grupo Mickey ao filme 'Pacarrete', passando pela peça 'Vau da Sarapalha', e anuncia filme autobiográfico sobre os "pirralhos" de Cajazeiras

Jãmarrí Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

As águas de março ainda estavam fechando o Verão quando Cajazeiras, no Sertão da Paraíba, em 1962, assistiu ao nascimento de Maria Auxiliadora Lira de Souza. Pisciana com ascendente em teatro e descendente em cinema, ela se tornaria um dos maiores nomes das artes cênicas da Paraíba: Soia Lira. Ano que vem, ela vai festejar 62 anos de idade e 50 anos de trajetória artística. Não à toa, é uma das homenageadas da 18ª edição do Fest Aruanda.

"A gente começou a fazer teatro na rua. Uma dúzia de crianças. Eu, Marcélia (Cartaxo), Nanêgo (Lira), Eliézer (Rolim), Buda (Lira), Lincoln (Rolim) e outros mais. É muita história. Quando eu lembro, eu fico emocionada", disse Soia.

Dá década de 1970 para cá, a atriz esteve em diversas peças de sucesso (como *Vau da Sarapalha*) e filmes premiados e elogiados pela crítica (como *Central do Brasil*).

Tudo começou com o grupo Mickey, ainda meninota, em Cajazeiras "brincando de calcinha no meio da rua". Conforme a própria Soia, tudo era uma grande brincadeira. "Eu só percebi que eu era atriz mesmo depois que eu conheci a Piollin e Luiz Carlos Vasconcelos me chamou para fazer a peça *Vau da Sarapalha*. Deixou de ser uma brincadeira para ser teatro".

E olha que Soia já havia passado por várias capitais do Brasil com o espetáculo *Beijo de Estrada*, escrito e dirigido por



FOTO: RODRIGO BARBOSA/DIVULGAÇÃO

Soia Lira: festejo cinco décadas de carreira com a certeza de que o teatro salva!

**"Eu acho que o teatro e o cinema resgatam a nossa emoção, nosso amor pelo outro. A arte nos salva em qualquer situação"**

Eliézer Rolim. "Quando a gente foi convidada pelo Mambembão para encenar *Beijo de Estrada* em cinco capitais, aquilo foi um choque para os nossos pais. Já era muita coisa eles deixarem a gente viajar e se apresentar em João Pessoa, imagine fora do estado... Meu pai só dizia assim: Dá muito dinheiro???", conta Soia, em meio a gargalhadas.

Apesar do sucesso, Soia desistiu da carreira ao fim da turnê. Voltou para Cajazeiras. Casou. Teve filho. E somente retornou às artes cênicas após convite de Luiz Carlos Vasconcelos para integrar o elenco de *Vau da Sarapalha*, no começo da década de 1990. O sucesso estrondoso no país e também no exterior (da Espanha, Alemanha, Inglaterra, Portugal e Bélgica) levaram Soia à sétima arte.

No cinema, ela atuou no aclamado *Central do Brasil*, que disputou o Oscar de Melhor Filme Internacional. O longa-metragem tem no elenco Fernanda Montenegro, Othon Bastos, Vinícius de Oliveira, Matheus Nachtergaele e Marília Pêra. Soia também brilhou em *Pacarrete*, filme vencedor do Festival de Gramado em 2019, no qual Soia divide cenas com as também paraibanas Zezita Matos e Marcélia Cartaxo.

Recentemente, Soia gravou o curta-metragem *Cavalo Marinho*, de Leo Tabosa, em Aracoiaba (CE), atuando com Tuca Andrada e Divina Valéria. Em outubro, em Cabaceiras (PB), gravou participação especial na série *Maria Bonita*, da Star+, em que Isis Valverde interpreta a própria Maria Bonita, e Júlio Andrade faz Lampião.

Ano que vem, deverá ser iniciado o projeto de gravação de um filme sobre a história do início da carreira de Soia e das demais crianças que formaram o grupo Mickey, em Cajazeiras. Soia e os demais atores e atrizes farão os papéis de pais e mães de si mesmas, com um elenco infantil dando vida aos "pirralhos" de outrora. A direção será de Marcélia Cartaxo, conforme Soia Lira.

"Uma alegria imensa poder participar de um projeto como esse. É importante dizer que não era somente a amizade que nos unia naquele teatro, naquele drama que nós fazíamos em Cajazeiras. Era muito afeto. Muito respeito. Muito amor mesmo. Uma humildade. E festejo cinco décadas de carreira com a certeza de que o teatro salva!", finalizou a atriz. Ao lado, a entrevista com a atriz paraibana Soia Lira:

■ **Como você se sente completando 50 anos de carreira?**

Minha nossa! História demais! Quando eu lembro, eu fico emocionada por ter vivido esse tempo todo fazendo o que eu gosto, que é teatro e cinema, e representando a nossa Paraíba, que é um celeiro de pessoas maravilhosas. Artistas, escritores e diretores muito bons! A Paraíba é riquíssima na cultura em todos os sentidos.

■ **Além de festejar 50 anos de carreira, você fará 62 anos de idade em 2024. Começou a carreira ainda muito cedo! Como é que foi esse começo em Cajazeiras, no Sertão da Paraíba?**

Foi assim, maravilhoso! Cajazeiras era uma cidade muito pacata. A gente brincava de fazer teatro na rua de Eliézer Rolim (teatrologo e cineasta, falecido em fevereiro de 2022). Era uma dúzia de crianças, incluindo Marcélia Cartaxo, Nanêgo Lira e Buda Lira.

■ **Em qual momento você percebeu que era uma atriz de verdade?**

Depois que eu saí de Cajazeiras e vim morar em João Pessoa e conheci a Escola Piollin. Luiz Carlos Vasconcelos (diretor) me convidou para fazer a peça *Vau da Sarapalha* e foi aí que eu vi que eu fazia teatro e não era brincadeira. A gente fazia drama... Depois, eu descobri que eu estava fazendo teatro de verdade.

■ **Teatro de verdade você já fazia em Cajazeiras. Pode ter percebido depois, mas já fazia desde o tempo do "Clube do Mickey"...**

(risos) E aquela geração terminou ganhando o Brasil.

■ **Isso mesmo. Quando vocês foram chamados pelo projeto Mambembão, como é que foi para dizer em casa que vocês iam viajar pelo país?**

Depois de vários festivais que a gente participou em João Pessoa, a gente foi convidado para apresentar *Beijo de Estrada* (de Eliézer Rolim) em cinco capitais do Brasil. E foi um choque para os pais da gente. Sair de Cajazeiras para João Pessoa já era demais! Para a gente sair em turnê pelo país foi muita conversa. A gente precisou convencer de que a gente estava no caminho certo. Meu pai só disse assim: Dá muito dinheiro? Vai ter muito dinheiro? Pode ir! (risos) Foi maravilhoso, porque abriu portas, essa

turnê, com apresentações, inclusive, no Rio de Janeiro e em São Paulo. E saiu reportagens com a gente na *Folha de S. Paulo*, no *Jornal do Brasil*...

■ **Na época, eu lembro de ter lido a respeito de vocês na revista 'Veja'... Ganharam muito destaque em muitos veículos de comunicação...**

Exatamente. Isso foi importante para o trabalho da gente. Todo mundo muito novo e do Sertão da Paraíba.

■ **Nessa turnê nacional foi que Marcélia Cartaxo terminou sendo chamada para fazer 'A Hora da Estrela', filme premiado de Suzana Amaral (baseado na obra homônima de Clarice Lispector). Marcélia contar em casa que ganhou o Urso de Prata terminou virando piada...?**

Virou. Isso aí foi muito interessante. Em uma apresentação da gente em São Paulo, Marcélia foi escolhida por Suzana Amaral para fazer o filme. Quando ela foi para o Festival de Berlim, ganhou o Urso de Prata, a primeira brasileira a ganhar (o prêmio internacional). Então ela ligou para a mãe dela e falou da premiação. A mãe dela disse assim: Minha filha, não traga esse urso para cá não porque a gente não tem como criar ele não (risos). Isso foi tão engraçado que até hoje está marcado assim essa história.

■ **Muitas histórias...**

Muitas! A Vida da gente foi muito linda, regada de coisas interessantes. De coisas boas! Eu acho que o teatro e o cinema resgatam a nossa emoção, nosso amor pelo outro. A arte nos salva em qualquer situação.

■ **Muito amor, mas não rolou ciúmeira do grupo quando Marcélia ficou mais famosa protagonizando 'A Hora da Estrela'?**

Sim, houve. Eu lembro que Luiz Carlos Vasconcelos falava assim pra gente: é como se fosse um vestibular. Marcélia passou e vocês não. Somente isso!

■ **Por falar em vestibular, o que você seria se não fosse atriz?**

Psicóloga. Até fiz o vestibular, mas não fui aprovada.

■ **O teatro é o seu nascedouro como artista, mas o cinema compõe uma parte muito importante na sua trajetória. Basta lembrar de seus papéis em 'Central do Brasil' e a premiação no Festival de Gramado por 'Pacarrete', no qual você**

**atua ao lado de outras duas paraibanas, Zezita Matos e Marcélia Cartaxo...**

Depois que eu fui convidada para fazer *Vau da Sarapalha* com o grupo Piollin, o cinema abriu as portas para mim. Aliás, antes de integrar o elenco, eu havia desistido de ser atriz. Passei alguns anos longe do teatro. Voltei a morar em Cajazeiras. Casei. Tive filho. E estava decidida a não atuar mais. Luiz Carlos Vasconcelos insistiu muito e eu voltei. Meu casamento acabou e eu descobri que era atriz de verdade...

■ **E o cinema?**

'Central do Brasil' foi minha primeira grande experiência. Daí, também fiz 'O Quinze' (de Jurandir de Oliveira, baseado na obra de Rachel de Queiroz). 'Pacarrete' é muito marcante como obra e pela premiação de Melhor Atriz Coadjuvante em Gramado, mas também por ter dividido set com Marcélia e Zezita.

■ **... Que assim como você, Soia, são duas divas... E como foi o período de pandemia para a atriz Soia Lira?**

Foi uma grande pausa. Fiquei com medo por ter comorbidades. Fiz uma cirurgia delicada na cabeça, como todos sabem... Ainda bem que agora estou bem e estão surgindo novos projetos. Mês passado, eu fiz uma participação especial em *Maria Bonita*. As gravações foram em Cabaceiras, no Cariri da Paraíba, onde contracenei com Ísis Valverde (protagonista da série, interpretando Maria Bonita). Eu não sei quando é que vai ser exibido, nem qual é o canal...

■ **É do canal Star+ e tem o dedo da Disney. Além de Ísis Valverde, tem também Thainá Duarte, da série 'Cangaço Novo'...**

E também Júlio Andrade no papel de Lampião.

■ **Pois é. E está planejando o que na área de audiovisual para 2024?**

Tem um projeto muito bacana que vai ser dirigido por Marcélia Cartaxo, um filme para contar a nossa história nas artes cênicas, desde quando a gente ainda era criança em Cajazeiras. Além de Marcélia, Allan Deberton está nesse projeto. O que eu posso dizer é que eu, Buda, Marcélia e outros integrantes daquele grupo Mickey vamos fazer o papel de nossos pais. E estamos buscando atores mirins para interpretar a nós mesmos na infância. Vai ser uma coisa linda!



# Inácio Araújo: 40 anos com 'olhos livres para ver'

Crítico elogia 'Cangaço Novo' e 'Bacurau',  
e diz que o Nordeste é o coração do Brasil

Inácio Araújo é um homem de muitos talentos. Aos 75 anos de idade, os amantes do cinema o conhecem mais pelo trabalho desenvolvido na área de crítica, mas Inácio – apaixonado pela literatura – já foi referência integrando equipes de produção e filmagem da sétima arte.

A oportunidade de mostrar seus dotes como crítico cinematográfico surgiu quando a indústria do audiovisual brasileiro vivia um momento mais apático. Foi convidado a compor a equipe do jornal *Folha de S. Paulo*, onde construiu uma trajetória de quatro décadas.

Na segunda metade dos anos 1970, em Paris, na França, teve aulas na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, bebendo de nomes como Jean Douchet, da *Cahiers du Cinéma* - revista de onde saíram grandes mentes da *nouvelle vague*.

Não à toa, Inácio é um dos homenageados do 18º Fest Aruanda, que acontece entre 30 de novembro e 6 de dezembro, no Cinépolis do Manaíra Shopping, em João Pessoa. O evento exalta sua contribuição multifacetada, como montador, diretor e como professor e crítico de cinema.

Inácio não poupa elogios à produção audiovisual realizada na região Nordeste. "*Cangaço Novo* é bem superior à média das séries que eu tinha visto. Eu tenho a impressão de que o

Jâmarri Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*



FOTO: DIVULGAÇÃO/FEST ARUANDA

Inácio Araújo, cujas habilidades não se resumem à crítica de cinema, será homenageado durante o 18º Fest Aruanda, em João Pessoa

Nordeste tem uma produção de audiovisual que é muito boa, independente, de *streaming*", disse ele.

O crítico também declarou que o longa-metragem *Bacurau*, de Kléber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, é exemplo de produção nordestina. "Tem tudo a ver com ficção científica, com invasão estrangeira e com banditismo também... Tem tudo isso lá".

Ainda sobre a série *Cangaço Novo*, Inácio Araújo traça um paralelo com o clássico *O Cangaceiro* (filme de Lima Barreto da década de 1950 com consultoria do paraibano Zé do Norte), um filme de extremo sucesso internacional.

"*O Cangaceiro* tem uma evidente presença nesse *Cangaço Novo*. Eu tenho a impressão de que o Nordeste sempre foi uma espécie de coração do Brasil. Sobretudo pela questão colocada pelos *Sertões*. Tem *Cangaço Novo* aqui no Sul também, tem cangaço por toda parte. Quero dizer, o Nordeste está em todo lugar".

Contribuição de Inácio Araújo ao cinema é destacada no livro *Inácio Araújo: Olhos Livres Para Ver*. A obra, com pouco mais de 200 páginas, editada pelo Sesc com a Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), acaba de ser lançada na Cinemateca Brasileira (com prefácio do cineasta Ugo Giorgetti).

Organizado pelo crítico Sérgio Alpendre e pela jornalista e professora Laura Loguerio Cánepa, o volume inclui uma longa entrevista com o crítico, uma seleção de textos - inclusive inéditos - e análises sobre seu estilo e sua influência para novas gerações.

O livro contempla, ainda, seu currículo variado, como escritor de poesia e prosa - ele publicou o premiado romance *Casa de Bonecas* - e de contos, além de roteirista de filmes como *Amor, Palavra Prostituta* e *Filme Demência*.

Essas são duas das obras de Carlos Reichenbach, seu grande amigo, morto em 2012, que o recomendava a ter "com olhos livres" frente à tela do cinema. "Quem gostar de cinema, literatura, artes, enfim, pode perfeitamente se divertir com um livro como esse", finalizou Inácio.

Ao lado, a entrevista com o crítico de cinema:

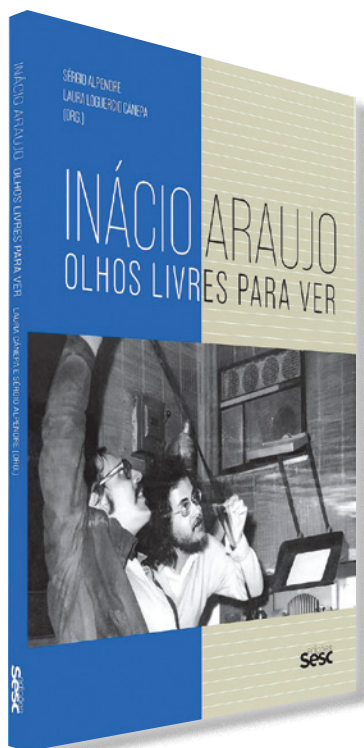
■ **Professor, me permita lhe contar uma historinha: assim que eu comecei no jornalismo, eu tinha um colega mais velho que amedrontava a equipe dizendo que nós não aprenderíamos mais nada depois dos 30 anos de idade. Ele dizia haver uma pesquisa que provava que o cérebro "se fechava" após 30 anos. Perdía a flexibilidade frente a conteúdos culturais, especificamente. E estou contando essa história por causa dos seus olhos livres e dessa liberdade no olhar, que parece rimar muito com flexibilidade e também com essa abertura para o novo e para novas linguagens. Isso aos 75 anos de idade! Então, eu pergunto: para um crítico com décadas e décadas de trajetória, ainda é 100% possível ter olhos livres e esse grau de flexibilidade?**

Boa pergunta. Eu acho que eu aprendi muito mais depois de 30 anos. Se bem que para algumas coisas, eu sinto que o meu cérebro se fechou. Para música, por exemplo, é muito pouca coisa depois do Caetano Veloso, do Paulinho da Viola, do Chico Buarque, dessa geração, enfim. Mas, quanto ao cinema, eu acho que a gente aprende mas depois dos 30 por alguma razão misteriosa. Acho que o cérebro se abre muito facilmente até.

■ **E o subgênero 'nordestern', professor? O termo ganhou força novamente depois do sucesso da série 'Cangaço Novo'. Como o senhor percebe essas produções ambientadas e com temáticas voltadas para o Nordeste?**

E de outras regiões também, né? Porque o cara que resolve tudo lá (Ubaldo Vaqueiro, personagem de *Cangaço Novo*), ele resolve porque estava em São Paulo. Ele fez linha de tiro aqui em Santo Amaro (SP), foi bancário em Santo Amaro e é aí que ele aprende a roubar e atirar. Mas eu acho até o *Cangaço Novo* bem superior à média das séries que eu tinha visto. Não são muitas, mas vi algumas coisas brasileiras, o que eu achava muito ruim, de maneira geral... Mas o que diz respeito ao Nordeste, eu tenho a impressão de que você tem uma produção de audiovisual que é muito boa, independente, de streaming. Em Pernambuco, tem vários cineastas muito bons em um meio muito interessante, não é?! Você tem o Ceará também com alguma coisa. Também o Piauí... Enfim, acho que o Nordeste tem muita coisa...

■ **Nesse trocadilho que junta Nordeste**



Obra que celebra os 40 anos de atuação crítica de Inácio Araújo será lançada durante o Fest Aruanda: "Quem gostar de cinema, literatura, artes, pode perfeitamente se divertir com um livro como esse"

**com faroeste, o longa-metragem 'Bacurau' também se enquadra?**

*Bacurau*? Certamente. *Bacurau* é um filme que tem tudo a ver com ficção científica, com invasão estrangeira e com banditismo também... Tem tudo isso lá. Tem também sujeira política que, aliás, não precisa ser no Nordeste para ter, e tudo o mais... Sem dúvidas, é um filme que você pode colocar (como 'nordestern'). Embora o objetivo seria outro, é uma outra coisa que Kleber Mendonça Filho visa nesse filme. Acho que é um pouco diferente, me parece...

■ **Se você pegar outros filmes do Nordeste, 'O Cangaceiro', um clássico, uns 70 anos separando um do outro, as temáticas são bem diferentes, porque cada um aborda a sua época...**

É. Sim, claro. Mas *O Cangaceiro* tem uma evidente presença nesse *Cangaço Novo*. Mais ou menos uma presença. Não vou dizer que é copiado, mas ele está presente. O que mais eu posso lhe dizer? Eu tenho a impressão de que não existe uma moda Nordeste, eu tenho a impressão de que o Nordeste foi sempre uma espécie de coração do Brasil. Acho que Minas é um coração... eu acho que um outro coração é o Nordeste, sobretudo pela questão colocada pelos

*Sertões*, você ter um povo miserável em condições assim e uma repressão que vem da classe que julga saber o que é culto contra esses, que é o que a gente vive aqui. Eu acho que talvez viva mais hoje isso aqui no Sul do que no Nordeste. A situação do Rio de Janeiro é muito mais "nordestern" do que – suponho – em outros lugares. Se bem que a Bahia está numa situação, dizem, que é muito complicada. Agora, no Rio, a gente sabe que está tudo dominado por facções, milícias, sobretudo, que é uma coisa muito perigosa porque envolve a polícia, por exemplo. Tem *Cangaço Novo* aqui no Sul também, tem *cangaço* por toda parte...

■ **O que você acha do uso de 'atores naturais' em filmes?**

Ator natural é o mesmo que chamam de ator amador. Isso é uma coisa que começa em termos mais modernos no neo-realismo. O (Roberto) Rossellini trabalhava nele. O ator do filme *Ladrões de Bicicleta*, o cineasta Vittorio De Sica pegou lá, completamente amador. Praticamente só fez esse filme - ele fez mais, mas não com esse destaque. E ficou maravilhoso, porque é o papel dele, ele conhece aquilo. Então, isso é um pouco essa ideia de ator natural. Aí você tem cineastas como (o iraniano Abbas) Kiarostami, que trabalha assim, e tem outros hoje em dia. Me parece que a linhagem é esta.

■ **É como acontece no filme paraibano 'Aruanda' (marco do Cinema Novo). Mas aí já é documentário....**

É. Aí já é documentário. É um pouco diferente, porque no documentário o que se espera é isto mesmo. Agora, quando você vê *Ladrões de Bicicleta*, ou quando você vê *Alemanha Ano Zero* (de Roberto Rossellini), que ele tem um menino como ator principal do filme, um alemão que está lá e tal, então é um pouco diferente. No documentário, você não trabalha nesse registro, salvo Eduardo Coutinho, que já nos últimos filmes jogava com isso de ser ator ou não ser, quem é ator que não é. Mas aí é uma coisa um pouco especial.

■ **Quando eu era criança, o Eduardo Coutinho foi até a minha escola para uma exibição de 'Cabra Marcado Para Morrer' e levou junto a Elizabeth Teixeira, e eu confesso a você que eu só acreditei que ela era de verdade porque ela estava lá. Em alguns momentos, eu achava que ela era atriz.**

**"No Rio, a gente sabe que está tudo dominado por facções, milícias, sobretudo, que é uma coisa muito perigosa porque envolve a polícia. Tem 'Cangaço Novo' aqui no Sul também"**

Sim, sim. O Coutinho tinha um pouco essa magia. Ele sabia muito fazer as pessoas falarem livremente. E olha que esse filme é do tempo que se filmava negativo. Agora, quando ele teve o HD à disposição, aí não tinha problema porque não custa nada. Negativo custa, negativo era uma fortuna.

■ *O senhor é o foco de um livro que acaba de ser lançado, 'Olhos Livres Para Ver'. É uma obra para quem gosta de crítica ou uma pessoa comum, daquela que somente tem o costume de ir ao cinema semanalmente, é uma leitura para esta pessoa também? Ou é para uma bolha mais fechadinha?*

Este é um livro a partir de uma ideia que surgiu da Laura Loguercio Cánepa e do Sérgio Alpendre, do quadro da Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema). Um livro em homenagem aos meus 40 anos de crítica. Então eu falei: eu não vou me meter em nada. Me meti em muito pouca coisa. Pedi um texto ou dois de algumas pessoas que eu queria. O resto eu deixei por conta deles, inclusive uma seleção de textos. Então eles fizeram uma coisa ótima: divisão de capítulos e em cada capítulo alguma pessoa falava ao meu respeito. Tem desde o Ugo Giorgetti, que é cineasta; a Luciana Araújo, que é professora; o Ruy Garnier, fundador da revista de cinema *Contracampo*; e o Sérgio Alpendre; a Laura Cánepa... enfim, tinha essas várias pessoas e aí eles fizeram uma seleção de textos meus que eu achei maravilhosa. Tem coisas que me espantaram de boas. Agora, eu jamais saberia te dizer para que público é, porque eu tenho muita dificuldade de fazer trabalho, digamos, de marketing. A quem isso interessa? Eu acho que o cinema é uma disciplina, então quem não gostar de cinema não vai se interessar por isso. Acredito que não. Mas quem gostar de cinema, literatura, artes, pode perfeitamente se divertir com um livro como esse.

■ *É possível você ter um produto profundamente comercial e para o qual o patrulhamento ideológico dá de ombros, e esse produto, ainda assim, ser um bom produto?*

Claro, claro.

■ *O senhor se vigia com relação a isso? O que eu vejo? O que pensam os meus pares a respeito de minha opinião quando o papo é cinema comercial ou cine besteiro mesmo?*

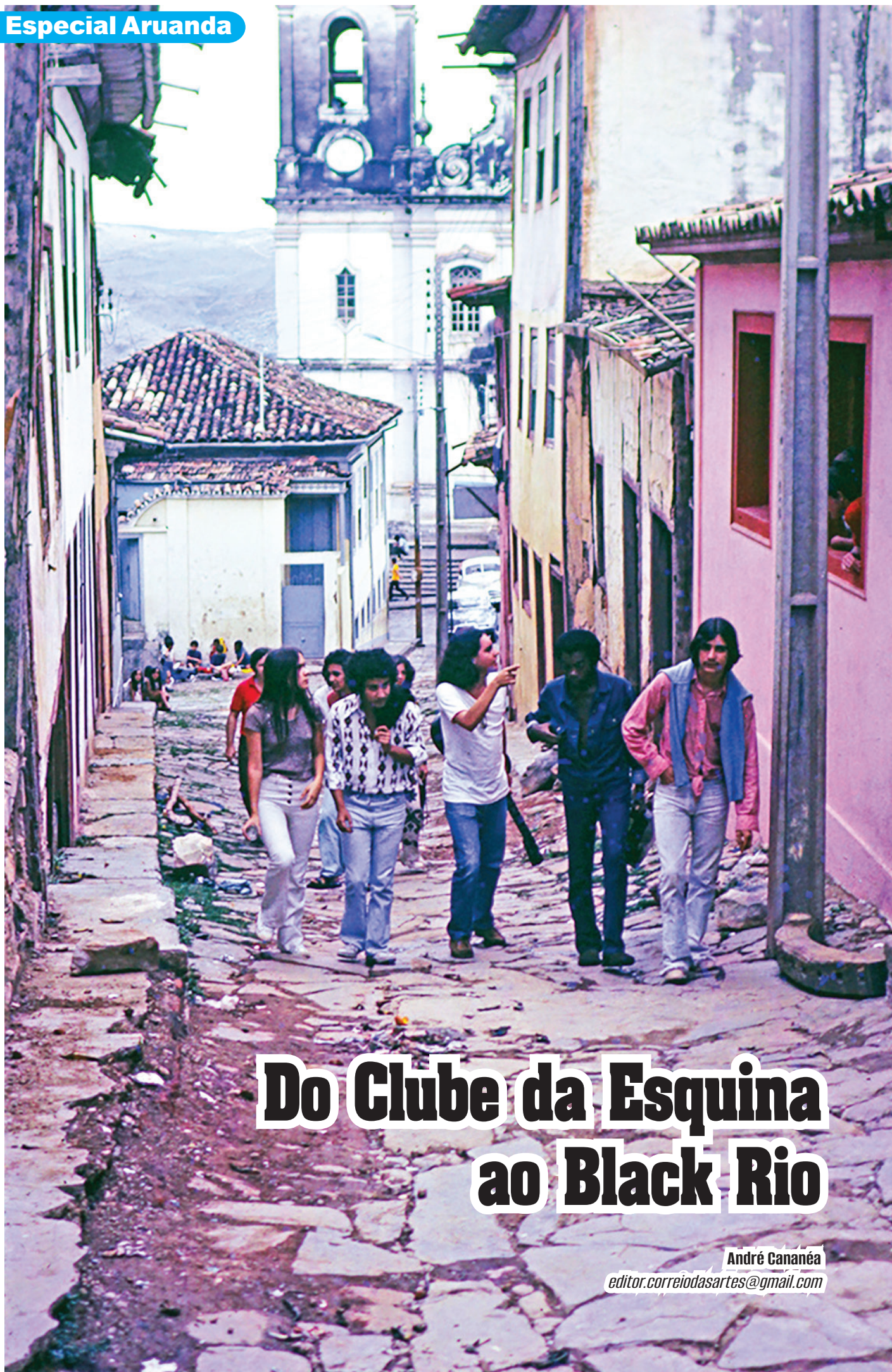
Bom, eu não sei direito o que é besteiro. Não sei se você chama *Debi & Loide* (filme estrelado por Jim Carrey e Jeff Daniels) de besteiro? É comédia! É importante o crítico ressaltar o que tem de inventivo lá e de rigoroso. E tem muito! Quero dizer, é uma comédia muito boa nesse sentido. Precisa entender que é uma comédia burlesca. Se você não aceita uma comédia burlesca nos nossos tempos, aí não vai aceitar mesmo o filme. E eu entendo que é muito mais difícil você fazer isto hoje. Acho que o último grande burlesco foi o Jerry Lewis.

■ *Dia desses, eu defendi Jim Carrey como bom ator. Jim Carrey é bom ator! E aí comprei uma briga danada frente ao patrulhamento de quem vê o Carrey como "aquele careteiro, imitador de Jerry Lewis"...*

Algumas pessoas gostam de umas coisas, e outros não gostam. A vida é assim. Por inúmeras razões, algumas pessoas podem gostar de um filme e outros não gostarem. E eu tenho vários casos. É óbvio que se você for se preocupar com o que acham as outras pessoas, você está ferrado. Você só tem para você a sua opinião, não pode fazer outra coisa. Agora, a sua opinião, eu espero que seja bem balizada. Eu tenho alguns casos que defendi e as pessoas, com muita frequência, achavam espantoso. Porque como que um filme com este nome (*Debi & Loide*) poderia ser bom? Elas nem tinham visto o filme! Tem um outro filme – *Showgirls*, do Paul Verhoeven -, que é curioso: eu defendi o filme na ocasião e hoje, internacionalmente, está sendo reconhecido como filme de primeira linha! Agora, se você for meio Maria-vai-com-as-outras, aí é melhor escolher outra coisa para fazer, não tem remédio. Quanto ao Jim Carrey imitar, não acho que imite, mas faz um tipo a partir do Jerry Lewis naquele filme. Depois, ele vai fazer uma carreira completamente diferente. E o Jerry Lewis, chamaram de careteiro também a vida inteira, não é?

■ *O senhor estará em João Pessoa para ser homenageado no 18º Fest Aruanda, que vai acontecer de 30 de novembro a 6 de dezembro...*

Fiquei feliz com essa homenagem e com a oportunidade de conversar com as pessoas que gostam e fazem cinema. Ansioso para participar desse festival.



# Do Clube da Esquina ao Black Rio

André Cananéa  
[editor.correiodasartes@gmail.com](mailto:editor.correiodasartes@gmail.com)

## Conheça os filmes que abrem e fecham a edição 2023 do **Fest Aruanda**

Dentro da proposta de unir o áudio e o visual que integra o DNA do Festival Aruanda, a edição deste ano apresenta dois filmes obrigatórios para os amantes de música. Na abertura, o festival exhibe o aclamado *Nada Será Como Antes*, de Ana Rieper, a respeito do Clube da Esquina, enquanto o encerramento contará com *Black Rio*, *Black Power*, de Emílio Domingos, ambos documentários ainda inéditos no circuito comercial de cinema. As sessões ocorrem, respectivamente, nos dias 30 de novembro e 6 de dezembro deste ano (veja o serviço completo no final desta matéria).

História contada e recontada em diversos programas e especiais para televisão, o Clube da Esquina tem um recorte especial em *Nada Será Como Antes*: a música, pura e simples. Há um pouco da história de como Milton Nascimento, os irmãos Lô e Márcio Borges, Beto Guedes, Toninho Horta e tantos outros se conheceram, mas o foco, aqui, são as influências musicais, as letras, os arranjos, as composições harmônicas, as parcerias, tudo esmiuçado pelos próprios protagonistas, debruçados sobre o piano, empunhando violões ou operando programas de edição de música.

Em 1h18m de projeção, o filme leva o espectador a essa viagem musical deliciosa, através de histórias (algumas delas, completamente desconhecidas pelo público), depoimentos exclusivos

**O Clube da  
Esquina tem um  
recorte especial  
no filme 'Nada  
Será Como  
Antes': a música,  
pura e simples**

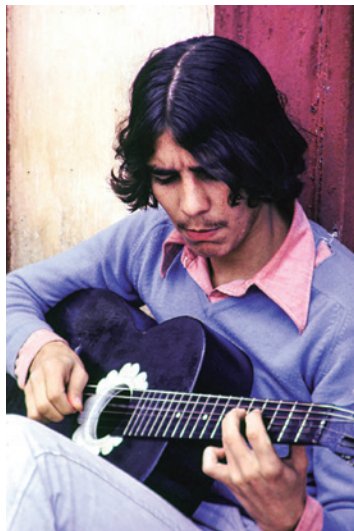


FOTO: DIVULGAÇÃO

Nas ladeiras de Belo Horizonte, o Clube da Esquina de Milton Nascimento e companhia (foto maior); acima, o jovem Lô Borges ganha mais espaço que Bituca no filme 'Nada Será Como Antes'

e imagens de arquivo, com andamento envolvente, nem muito frenético, tampouco lento.

O Clube da Esquina, o leitor já sabe, é um encontro de músicos que frequentavam a esquina das ruas Divinópolis com Paraisópolis, no bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte (MG). Por não terem dinheiro para frequentar os verdadeiros "clubes" daqueles anos 1960, acabaram chamando aquele encontro na rua de "clube", no qual Milton Nascimento foi um dos fundadores, ainda de calças curtas. Em termo de carreira discográfica, Bituca largou na frente ainda no final daquela década e, a partir de *Travessia* (1967), galgou uma carreira de sucesso e prestígio antes de voltar ao Clube.

Cinco anos e um punhado de discos depois, que além de fama, lhe trouxeram prestígio, Milton voltou seu olhar aos velhos sócios do Clube da Esquina e propôs uma espécie de álbum coletivo, mas assinado em parceria com o caçula da turma, o ainda desconhecido Lô Borges. O LP duplo *Clube da Esquina* - hoje considerado o mais importante álbum brasileiro pela crítica especializada - saiu em 1972.

Além de focar o enredo do filme na musicalidade do *Clube da Esquina*, *Nada Será Como Antes* trisca assuntos como a relação dos irmãos Borges com o cinema, política estudantil e como os Beatles influenciaram o grupo. Ana Rieper, que além da direção, assina o roteiro, captou

conversas em passeios pelas ruas de Belo Horizonte, mesas de bar e estúdios ao longo de oito anos. São recortes que ajudam a entender como surgiram canções como 'Tudo que poderia ser', 'Cais', 'Cravo e canela' e 'Um girassol da cor de seu cabelo'.

O material é farto em depoimentos - além de Milton Nascimento, Lô e Márcio Borges, Wagner Tiso e Beto Guedes, o roteiro concede a palavra a outros "coadjuvantes" que quase nunca são procurados pelos produtores de TV, mas que tem seu quinhão de talento impregnado tanto nas faixas do *Clube da Esquina* de 1972, quanto no *Clube da Esquina 2*, lançado em 1976, como Nelson Angelo, Luiz Alves, Vermelho, Rubinho e até Flávio Venturini - e também material de arquivo. O filme abre, por exemplo, com Milton interpretando 'Nada será como antes' no programa *Ensaio*, nos anos 1970, e segue pelas ruas de BH com os irmãos Borges, que acabam sendo os protagonistas do filme.

São esses papos que revelam curiosidades sobre faixas como 'Para Lennon e McCartney (de Lô Borges, Márcio Borges e Fernando Brant)', 'Equatorial' (parceria entre os irmãos Borges com Beto Guedes) e 'Um girassol da cor de seu cabelo' (de Lô e Márcio), incluindo um breve depoimento da musa que inspirou um dos grandes clássicos do LP, Duca Leal, outra "sócia" do Clube da Esquina, mas pouco lembrada (ela e Márcio Borges acabaram se casando um ano antes do disco sair, em 1971, e tiveram dois filhos, antes do matrimônio se dissolver nos anos 1980, segundo o jornal *O Estado de Minas*).

A sonoridade impressa nesse e no segundo volume do *Clube da Esquina* é uma mescla de jazz, ritmos regionais e rock progressivo (notadamente o grupo Genesis, de Peter Gabriel e Phil Collins), temperada com a percussão afro de Robertinho Silva (detalhada pelo próprio, no filme) e embrulhada pela influência de música erudita do pianista Wagner Tiso.

Aliás, uma curiosidade que o filme revela é como os músicos se revezaram nos instrumentos. Afinal, se você tem Toninho Horta na guitarra de 'Tudo que você podia ser', em 'Saídas e bandeiras nº 1' ele passa a guitarra a Nelson Angelo e vai tocar percussão com Lô Borges, e em 'Nuvem cigana', pilota o contrabaixo elétrico (pois no acústico está Luiz Alves). Então está aí algo que torna *Nada Será Como Antes* ainda mais especial.

## Filme documenta o movimento 'black' do Rio

A importância dos bailes *black* durante os anos 1970 e 1980 na afirmação da negritude brasileira e na militância cultural, social e política do país dá o tom ao ótimo *Black Rio! Black Power!*, documentário dirigido pelo antropólogo, cineasta e pesquisador Emílio Domingos, que entrega uma radiografia da música, da dança, do vestuário, do comportamento e até dos negócios originados a partir daquelas festas, como a contratação, por parte da multinacional Warner Music, do grupo de música Black Rio.

O filme é didático ao registrar a ascensão e queda daquelas festas regadas à *soul music*, que começaram tímidas em ginásios de bairro periféricos, e foram ganhando força e prestígio com o andar dos anos, até serem derrotadas pela *disco music*, que desembarcou no Brasil em fins dos anos 1970.

Frequentadores, produtores, músicos e jornalista lembram os tempos de glória de bailes como Soul Grand Prix, Shaft (que levava o nome da badalada série de cinema estrelada por Richard Roundtree, falecido em outubro deste ano) e o Baile da Pesada, comandada pelo hoje lendário DJ Big Boy.

O filme também belisca a história de grupos como Furacão 2000, que nasceu no movimento black e ganhou destaque no funk carioca nos anos 1990, assim como no apogeu da já citada banda Black Rio, grupo que surgiu em meio ao movimento unindo o soul e o funk estrangeiros ao samba brasileiro.

Essas festas costumavam reunir de três a cinco mil pessoas, atraídas pela possibilidade de dançar ao som de James Brown, Earth, Wind & Fire e Kool & the Gang, e acabavam, além de descolar uma coreografia que faria inveja a qualquer tiktokker branco de hoje, respirar boas doses de empoderamento e orgulho negro em momentos de formação e educação.

Os bailes de Don Filó, o Soul Grand Prix, eram prodígios em mensagens positivas, cujo objetivo era levantar a cabeça do negro, assalariado ou pobre, que sofria discriminação racial e levava "duras" constantes da polícia. "A gente abria o baile com Pink Floyd. Ali a gente mandava a mensagem, tipo: -Olha, você vai se preparar para entrar em um outro planeta, de paz, luz, diversão..." explica o próprio Don Filó, no filme.

Um dos frequentadores daquelas festas, o jornalista José Reinaldo Marques, lembra: "O baile começou a nos proporcionar a convivência de chegar ao local e ter duas, três mil pessoas, todas negras, sem estarmos preocupados com olhares de estranheza pelo nosso comportamento, pela a nossa forma de vestir.



FOTOS: DIVULGAÇÃO



'Black Rio! Black Power!' mostra a importância dos bailes realizados para a comunidade negra carioca dos anos 1970, das danças às pautas políticas e sociais

## Samba e ditadura

Rivalidade com o samba (afinal, ali estava um repertório eminentemente internacional), as agendas que surgiram nas festas, como a derrubada de mitos, como a tão falada (até hoje) democracia racial, e até a perseguição do regime militar sobre promotores e frequentadores dos bailes entram na pauta de *Black Rio! Black Power!*.

"A ditadura perguntava: aonde vocês querem chegar com esse baile? Vocês querem fazer uma revolução? Algum movimento?", relata o ativista Carlos Alberto Medeiros. "Eles não percebiam o lado da política de identidade. Afinal, lá era um lugar onde a gente reforçava nossa identidade negra.

Mas para a esquerda, (os bailes representavam) o imperialismo americano querendo acabar com nossa coisa maravilhosa, que é o samba", acrescenta.

Apoiado em entrevistas exclusivas e imagens de época, sobretudo fotos, o diretor Emílio Domingos costura bem os temas e traça um panorama bastante sólido do movimento que foi além da diversão e estabeleceu parâmetros - segundo os depoimentos - para uma maior aceitação do negro na sociedade de hoje. E isso derrubando preconceitos de todos os tipos no Rio de Janeiro, cidade que mais recebeu pessoas escravizadas na história da humanidade, segundo um dos entrevistados.

## SERVIÇO

*Nada Será Como Antes*, de Ana Rieper  
Exibição quinta-feira (30), às 20h.

Local: Sala Macro XE do Cinépolis Manaíra (Manaíra Shopping, João Pessoa)  
Gratuito (mediante retirada de convite)

*Black Rio! Black Power!*, de Emílio Domingos  
Exibição quarta-feira (6), às 19h30.

Local: Sala Macro XE do Cinépolis Manaíra (Manaíra Shopping, João Pessoa)  
Gratuito (mediante retirada de convite)

**André Cananéa** é jornalista premiado. Editor do 'Correio das Artes' desde 2018, também é colunista do Jornal A União e gerente de programação e conteúdo da Parahyba FM. Mora em João Pessoa (PB).

# Uma conversa descontraída

Naná Garcez

nanagarcez@epc.pb.gov.br

No dia 9 deste mês de novembro, a jornalista e tradutora Rosa Freire D'Aguiar lançou a sua mais recente obra, *Sempre Paris: Crônica de Uma Cidade, Seus Escritores e Artistas*, no jardim da Academia Paraibana de Letras, em João Pessoa (PB). A primeira obra da jornalista carioca foi *Memória de Tradutora* (2004) e a segunda, *Palavra Puxa Palavra: Uma Homenagem aos 70 Anos da Saga 'O Tempo e o Vento'* (2019).

Formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1971, ano em que ingressou na revista *Manchete*, do Grupo Bloch, tornou-se a correspondente internacional da mesma revista em 1973, em Paris (França). A permanência no exterior se estendeu. Ela também foi correspondente da *Isto É* e do *Jornal da República*. Assim, cobriu vários episódios relevantes no cenário internacional, como a devolução do Deserto do Sinai, por Israel, para o Egito, e fez entrevistas com escritores, intelectuais, artistas e lideranças globais.

Em 1979, Rosa se casou com o economista e pensador paraibano Celso Furtado. Com a redemocratização do Brasil, em 1986, o casal voltou para o Brasil, onde ele se tornou ministro da Cultura. Ela

dedicou-se às atividades literárias, em especial às traduções. Com o falecimento de Furtado, em 2004, Rosa Freire deu outra guinada, cuidando da organização do acervo do marido, que resultaram em publicações como *Correspondência Intelectual* e *Diários Intermitentes*.

Em 2019, voltou ao apartamento de Paris, ali permanecendo até 2022, em função da pandemia. Foi na França que o novo livro nasceu ao encontrar uma caixa de papelão com matérias recortadas, telexes, cópias em laudas, textos que foram publicados nos veículos em que escreveu. O trabalho não foi pequeno, porque foram digitadas todas as entrevistas. Os romancistas foram priorizados, porque “têm declarações interessantes”, e as 21 entrevistas foram consideradas com conteúdos ainda atuais.

Rosa Freire D'Aguiar se define como jornalista e tradutora. “Escritora é um pleonasma, porque jornalista tem que escrever”. Na primeira parte do livro, o texto elegante e leve traz algumas expressões do cotidiano em francês e a rotina em Paris.

Conversamos por telefone, dois dias antes do lançamento na capital paraibana.



FOTO: FERNANDO RABELO/ DIVULGAÇÃO

Rosa Freire D'Aguiar segura seu novo livro, 'Sempre Paris: Crônica de Uma Cidade, Seus Escritores e Artistas', com entrevistas e textos que refletem o tempo em que foi correspondente internacional

■ **Na condição de jornalista e correspondente, como identificava que tal tema era relevante aqui no Brasil? Vinha a pauta ou era sugestão sua?**

Vou falar de coisas antigas, como o telex. A reunião de pauta era na segunda-feira, mas 90% era sugestão minha. Eu tinha que mandar, pelo telex, umas sugestões de pauta, e o meu editor me telefonava. O telefone era muito caro, tinha que ser por telex mesmo. Às vezes, era o telexista que me telefonava, dizendo que tinha um telex para mim. Na França, como tinha muito correspondente, muitos jornalistas, tinha o Telex da França e no prédio central, tinha cabines de telex que os jornalistas usavam.

■ **Como surgiu a ideia do livro?**

Essa proposta surgiu antes, entre 1998/1999, com o colega Napoleão Sabóia, correspondente do *Estadão*, mas não foi adiante. Estava no apartamento de Paris, em 2019, e encontrei uma caixa de papelão com matérias recortadas, telexes, cópias em laudas datilografadas, textos que foram publicados. O livro tem duas partes. Eu comecei a escrever sobre a minha vida em Paris, sobre as atividades profissionais que proporcionaram experiências interessantes. Escrevi mais do que esperava. Por exemplo, estive duas vezes em Israel, uma delas para fazer reportagem sobre a devolução do Deserto do Sinai ao Egito, e passei 15 dias no deserto, encontrei beduínos e quando disse que era brasileira, o beduíno trouxe duas mulheres que tinham sacas de estopa com a marca Café do Brasil. Tinha beduínos que andavam de camelos e outros de Mercedes Benz.



FOTO: AGERVO ROSA FREIRE D'AGUIAR

No Deserto do Sinal, mulheres mostram à correspondente Rosa Freire saca de estopa de café enviada do Brasil

■ **Como escolheu as entrevistas? Por que mais escritores...?**

É um mistério como eles criam tantos personagens, alguns criaram muitos e muitos fortes, e eles têm explicações bonitas. Alguns são mais silenciosos, não querem muito falar da obra, mas aceitam falar das coisas que estão acontecendo no mundo, da cultura, da política... No conjunto, acho que são pessoas muito sensíveis e notáveis. Sempre tem alguma hora que se tira uma frase bonita, um gesto... Eu guardei muito os gestos. Falo disso no livro. Por exemplo, fui entrevistar George Simenon, escritor do inspetor Maigret e de dezenas de romances policiais. Ele morava na Suíça na época. Foi uma delícia de entrevista, passei o dia lá e, num dado momento, ficou falando que tinha escrito muito, que chegou jovenzinho à França, que tinha mês que escrevia cinco livros. "Eu bati muito à máquina", e me mostra a mão e diz: "Olha como a ponta dos meus dedos estão amassadas". Claro que olhei e as pontas dos dedos eram achatadas. Achei bonito o gesto dele!

■ **Gostava de fazer as entrevistas?**

Para mim, foi um grande prazer fazer as entrevistas. Eu entrevistei o Ernesto Sabato, que é um grande escritor argentino. Na época, eram três grandes argentinos: Julio Cortázar, que entrevistei, Ernesto Sabato, que também entrevistei - uma belíssima entrevista - e Jorge Luís Borges, que nunca entrevistei. O Sabato tem uma carreira curiosa, porque era físico. Depois ele largou a Física para se dedicar só a literatura. Naquele momento, ele estava com problema de visão muito grande. Olha para mim e diz: "Rosa, estou ficando cego!", o que é barra pesada de se ouvir no meio da entrevista. Ele disse "Eu não vou poder mais ler, não vou poder mais escrever...". De fato, foi o que aconteceu. Logo depois, ele parou e começou a fazer pinturas, e fazia umas coisas que não precisavam muito dos detalhes... Quer dizer, tem um gesto, uma frase... esses momentos, assim, que ficam....

■ **O que perguntava?**

Tinha uma pergunta que eu fazia: qual o poder da literatura? Julio Cortázar disse: "O poder é limitado, porque nenhum poema derrubou um tirano". Era o final da ditadura na Argentina, no governo de Isabelita Péron. Depois, quando os militares assumiram, ele estava exilado

na França. Também fiz essa pergunta a Romain Gary, um lituano que foi criado em Nice (França) e ele observou que o livro de Leon Tolstói, *Guerra e Paz*, "fez muito pela literatura, nada pela paz".

■ **Nos últimos 20 anos, sua carreira é mais de tradutora do que de jornalista. Tem formação de mais de uma língua, lê autores estrangeiros na língua original. Qual é o segredo para ser uma boa tradutora? Existem expressões idiomáticas que só fazem sentido naquele país, então como fazer essa tradução?**

Eu fui aprendendo na prática. É fundamental, se queira ou não, saber bem o que os teóricos chamam de "língua de partida" e "língua de chegada". Eu traduzo do francês, que é a língua de partida, e a de chegada é o português. Tem que saber as duas línguas e, mais ainda, a língua de chegada. Tem, de fato, expressões em que se vai ganhando a prática do dia a dia. Agora, tem conceitos, porque, na verdade, se traduz o texto e o contexto. Um exemplo que sempre me bato com ele é padaria. Padaria, na França, é uma coisa bem definida, é onde vende pão, derivados do pão, croissant, baguete, pão de chocolate... no máximo, doce, uma bomba de chocolate, tortinha de limão. Não tem mais nada na padaria. Mas, no Brasil, tem padarias em São Paulo, cujo ambiente tem churrasco, comida japonesa. É impressionante! O conceito de padaria no Brasil é diferente do da França. Na padaria brasileira, se compra presunto e queijo, toma Nescau, o conceito é diferente. Mas, quando tem um problema, eu traduzo por lanchonete. As padarias brasileiras são quase um mercadinho, vendem um monte de coisa. E, na França, não tem isso. Obviamente, tem o contexto, não é só a palavra. Isso se vai levando em conta à medida que se vai traduzindo.

■ **Quantas traduções já fez?**

Eu fico até envergonhada de dizer, mas já traduzi uns 130 livros. É muita coisa, basicamente do francês e de literatura. Cada tradução é um espécie de uma aposta. Sobretudo de uns anos para cá, eu tenho feito muita retradução, basicamente dos clássicos, os ensaios de Montaigne, muitos livros do Balzac, livros do Louis-Fernand Céline. Agora estou na grande retradução do Marcel Proust, com Mário Sérgio Conti. No caso do Montaigne, peguei um texto de meados do século 16 (1580), que era escrito num francês muito complicado. A





FOTO: ACERVO ROSA FREIRE D'AGUIAR

Gestos: Rosa (D) entrevista o escritor belga George Simenon (E), que lhe mostra as pontas achatadas dos dedos, de tanto escrever à máquina

língua francesa ainda não estava cristalizada, eles ainda falavam latim e dialetos. Como o Montaigne é maravilhoso. A minha aposta foi que o leitor tivesse o Montaigne como livro de cabeceira, que visse um ensaio, mas, em alguns momentos, mudei um pouquinho, para ficar mais claro. Já em outros livros do Balzac, eu não fiz essa aposta, não precisei. Balzac não é fácil de traduzir, porque ele usa e abusa do vocabulário de cada ofício. Ele ia ver a costureira da mãe dele e fazia todo vocabulário da costureira, debrum, bainha, ponto de picotado. Depois, ia trabalhar com sapateiro, trazia o glossário de quem conserta sapato e isso é difícil de se traduzir, tanto mais quando as coisas não tem mais no Brasil. Por exemplo: ele foi gráfico, teve uma impressora e era um craque nas palavras de jornal, só que não existe mais isso. O máximo que se tem é rotativa.

#### ■ *Mais alguma sugestão?*

Um conselho que eu daria, além de conhecer a língua de partida e a língua de chegada, é ler bastante sobre o autor. Eu sempre fiz isso, sempre gostei muito de traduzir porque a tradução me leva a outros nomes, outros romancistas, a outros títulos.

#### ■ *Ficou na França e quando a quando, e há quanto tempo voltou para o Brasil?*

Eu cheguei na França em 1973, lá se vão 50 anos. Tive o primeiro período direto, que dura um 16 anos. Aí, volto para o Brasil, Celso vai para Brasília, vai ser ministro do Ministério da Cultura. Ficamos lá uns três anos e meio. Ele ainda tinha umas atividades profissionais, mas era muito menos, era participar de comissões internacionais, era uma coisa mais tranquila. Nos anos 1990, ficamos

entre o Rio de Janeiro e Paris, até o Celso morrer, em 2004. Depois, variou muito. Tem momentos que fiquei aqui, dois ou três anos direto. Agora estou aqui há um ano e uns quebradinhos, mas tinha passado quatro anos lá direto.

#### ■ *Depois que ele morreu, ficou um buraco. Como administra essa questão pessoal?*

No começo, o trabalho de luto foi longo e foi muito duro. Eu tinha com Celso uma relação muito fusional, como se diz em francês. A gente se deu sempre muito bem. Amorosamente, intelectualmente, moralmente. Em termos de cidades, a gente gostava das mesmas cidades... Foi muito grande essa relação. Esperei passar um tempo... eu era herdeira testamentária dos arquivos dele, e comecei a ver que teria que fazer alguma coisa com os arquivos. Acabei por doá-los, há uns quatro anos, mas antes, trabalhei muito com eles, dei uns mergulho. Por sorte, quase que diria do Celso, eu era uma pessoa que gostava de trabalhar com arquivos. Comecei em jornal trabalhando no Departamento de Pesquisa, então tinha essa espécie de gosto pelo arquivo, entendeu? E aí fui mergulhando, publiquei uma coleção grande com seis volumes, que se cha-

mou *Arquivos Celso Furtado*, com textos inéditos dele, entrevistas, textos meus explicando aqueles contextos. Em 2019, fiz os *Diários...* que lancei na Paraíba e, depois, fiz *Cartas e Correspondências* de Celso, em 2021 ou 2022.

#### ■ *Quais são os cuidados que tem consigo mesma? Está com 75 anos, tem uma vida ativa, com a cabeça em ordem...*

Não tenho nenhum cuidado especial, não. Não faço academia, que acho uma chatice. Mas gosto é de andar, tanto aqui como na França. Agora, começando o verão, complica, porque no Rio de Janeiro fica muito quente. Lá, moro perto de um parque com jardim muito bonito. Fora isso, é ter uma disciplina. Adquire uma disciplina quando cheguei na França. Como jornalista, eu trabalhava numa revista que tinha um escritório. Eu saía de casa, ia para o escritório, voltava no final da tarde e a casa ficava preservada. Mas, uns quatro anos depois, eu fui demitida da *Manchete* e comecei a trabalhar na *Isto É*, que estava nascendo naquele momento. Então, eu trabalhava em casa e eu fiquei uns 12 anos na *Isto É*, e as casas em Paris são muito pequeninhas, eu morava num estúdio que tinha pouco mais de 20 m<sup>2</sup>, então tinha que ter uma disciplina. A mesa era uma só, a mesa em que trabalhava, onde tinha a máquina de escrever, era a mesma que eu tomava o café da manhã, mas eu jamais deixei o café da manhã em cima da mesa, na hora que eu fosse trabalhar. Eu adquiri uma disciplina de não confundir as coisas. Foi assim que eu fui. Também não trabalhava jamais de pijama ou camisola. Me vestia inteira quando acordava de manhã, inclusive porque tinha que sair para comprar o jornal na banca. A gente trabalhava muito com o jornal e já era outro momento, porque era minha casa como escritório. Essa disciplina eu mantenho até hoje, eu não confundo as coisas, embora, a minha casa aqui seja muito maior do que a que morava em Paris. E, o resto é trabalhar. Eu adoro fazer o que faço, acho que é uma vantagem trabalhar naquilo que você gosta. E não paro. Eu estou uma espécie de máquina de traduzir, um monte de coisa em cima da mesa, me olhando para eu atacar, mas está dando. A disciplina é o que acho mais importante nisso.

Naná Garcez é jornalista, empresária e diretora presidente da Empresa Paraibana de Comunicação - EPC, que engloba o Jornal, a Gráfica e a Editora A União, o Diário Oficial do Estado e as rádios Tabajara e Parahyba FM. Mora em João Pessoa (PB)

## Das Terezinhas de Jesus

Alguns  
chegaram,  
pouco  
demoraram  
e se foram.

Outros,  
esperados,  
nem vieram  
e deixaram  
o gosto  
salgado  
do que  
poderia  
ter sido.

Alguém  
insistiu,  
bateu o pé  
e ficou...  
Isso até  
Poderia  
se chamar  
de amor.

Ninguém,  
no entanto,  
preencheu  
o vazio,  
apacou  
seus desejos  
e lhe deu,  
de fato,  
ouvidos.



## Da partida

Alguns não,  
mas eu  
faço questão  
de viver  
as despedidas  
e que todas  
as palavras,  
mesmo as  
mais duras,  
possam, sim,  
ser ditas.

Alguns não,  
mas eu  
prefiro  
que as  
lágrimas  
sejam  
vertidas  
e que haja  
até adeus  
na hora  
da partida.

## Imersão

A menina-zumbi  
come  
o cérebro  
do computador  
a fim  
de se nutrir.

E de bit  
em bit,  
sem ter  
como fugir,  
vai programando  
um modo  
cibernético  
de existir.

## Fome de gato

O gato  
olha,  
faminto,  
o prato  
vazio.

Num silêncio  
irritante,  
espera  
que eu volte  
do transe  
em que  
me enfio.

Levanto-me,  
arrasto  
os pés  
e, num  
humor  
arredio,  
coloco  
ração  
e a fome  
dele sacio.

Ele come  
e, satisfeito,  
volta  
ao ócio,  
irascível  
e vadio.

## Desafeto

A mão  
que nunca  
soube  
fazer  
um carinho  
sequer  
hoje  
reclama  
um gesto  
de afeto  
qualquer.

# de Oliveira



**Marineuma de Oliveira**, é escritora, doutora em Linguística e professora associada da UFPB. Coordena o grupo Poética Evocare. Mora em João Pessoa (PB), onde lança, em dezembro de 2023, seu novo livro, 'Da Flor do Olhar', de onde os poemas desta página foram extraídos.





Tiago Germano  
tdgermano@gmail.com

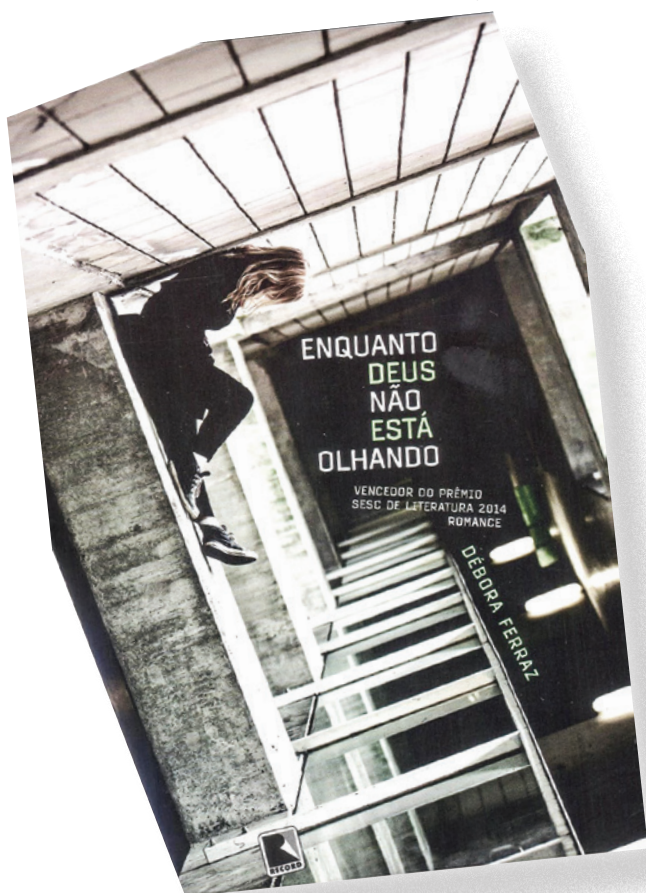


# Romance

## “romântico”

Literatura é uma profissão tão complicada no Brasil que não conheço um só escritor que se sinta à vontade em assumir sua ocupação num questionário ou formulário de hotel. Eu mesmo, nas viagens que faço para lançar livros ou ministrar oficinas, hesito e sempre acabo preenchendo jornalista, ofício que rendeu uma das poucas assinaturas na minha carteira de trabalho, embora não trabalhe diretamente com jornalismo há quase uma década.

IMAGENS: REPRODUÇÃO



A pernambucana radicada na Paraíba Debora Ferraz já viu seu livro na seção de romance estrangeiro: vendedor acreditava se tratar de autora portuguesa

Nos breves rompantes de ousadia, quando me sinto no direito de dizer que sou escritor porque, afinal, tenho quatro livros publicados, me arrependo imediatamente porque a pergunta que paira no ar é sempre a mesma: “E você vive de quê?”. “Tudo menos vender livros”, costumo responder, aumentando o meu problema. E o roteiro segue como o esperado: “Mas que tipo de livro você escreve?”.

Evito dizer romances, porque no senso comum romance há muito tempo deixou de ser sinônimo de narrativa longa, um dos gêneros da prosa segundo a teoria literária, para se tornar uma etiqueta, um nicho de mercado. Para o mercado, Nicholas Sparks escreve romances. Stephen King não. Stephen King escreve terror, o que já é uma outra coisa. Um autor que, diga-se de passagem, é muito mais romancista que Nicholas Sparks, o que dá um nó na cabeça de muita gente, principalmente da nova geração que elegeu a literatura não realista como cânone.

Comecei a responder “ficção”, mas parei quando os mais ou menos letrados diziam que adoravam Ray Bradbury ou George Orwell, autores que também admiro mas não têm nada a ver com o que escrevo: são escritores de ficção científica, e até meus contos e crônicas são predominantemente fincados na realidade, o que acaba me empurrando de volta pra cadeira de jornalista e para convicção de que é preferível continuar me definindo como tal: as pessoas conseguem entender razoavelmente o trabalho de um jornalista, apesar de quase já não existirem mais jornais. O do escritor, ninguém entende, nem nós mesmos somos capazes de explicar.

Não entendem nem os que, pasmem, mexem com livros, têm eles como seu ganha-pão. Numa livraria em João Pes-

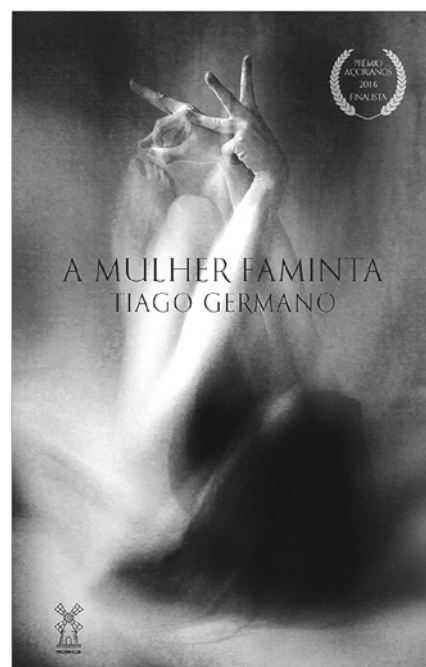
soa, por exemplo, flagrei *O Evangelho Segundo Hitler*, romance de ficção do autor Marcos Peres, na seção de títulos religiosos. Imaginei Hitler bastante satisfeito, posando com seu bigode ao lado de Jesus e da Bíblia, detalhe que, por sinal, diz muito de seus novos apóstolos, dos que andam fazendo o que fazem por aí em nome de Deus.

Falando em Deus, Débora Ferraz já se deparou com seu livro na seção de romance estrangeiro. Trocou de prateleira, e quando o vendedor defendeu que o livro era de uma autora portuguesa, sem reconhecê-la na foto da orelha, ela teve que se sair com a seguinte justificativa: não era de uma autora portuguesa porque senão estaria escrito “Enquanto Deus não está a olhar”, não *Enquanto Deus Não Está Olhando*, num gerundismo presente apenas na língua falada em nosso país, seguindo a cartilha dos atendentes de telemarketing.

“Sem contar que Deus está *sempre olhando*”, disse algum apóstolo d’Ele ou de Hitler, certa vez, num comentário ao livro na internet. Como fizeram também com meu *Demônios Domésticos*, já tachado de satanista, ou *A Mulher Faminta*, que muitos encaram a princípio como se fosse a saga cômica de uma mulher muito gulosa ou de uma ninfomaníaca, sedenta por sexo.

Não me surpreenderia se encontrasse o *Catálogo de Pequenas Espécies* entre os livros de biologia, se ele chegasse a frequentar as prateleiras de grandes redes como aquela em que pedi um livro de Tolstói e recebi um livro ilustrado do filme *Toy Story*. Ao tentar explicar a confusão, o vendedor, que estava ao lado, tratou de simplificar para o colega: “É aquele da vitrine com um velho barbudo na capa”. Felizmente, não era Natal. Poderia ter vindo algum sobre o Papai Noel.

Tudo isso me pega forte, mas nada como a noção do romance “romântico”. Em inglês a solução foi chamar de *novel*, em espanhol de *novela*, mas falar de novela no Brasil atrapalha mais ainda, por nossas telenovelas bastante tradicionais, algumas com estruturas narrativas sofisticadas que lembram as do romance literário, cheios de núcleos e conflitos. Ou pela maior parte da nossa produção literária atual, que é de uma literatura mais curta, com um só núcleo, um só conflito ao centro, e que não passa de um conjunto de novelas disfarçadas de romances, porque os editores acreditam piamente no privilégio do gênero, e



trabalham para reforçá-lo.

Privilégio que cai por terra quando o Uber vai embora com a impressão de que você é um romântico inveterado, ou quando o jornalista não lê direito a pauta da entrevista e diz que você escreveu um livro “de romance”, e você fica com aquela cara de mamão, esperando que alguém jogue o açúcar por cima para, pelo menos, a metáfora fazer algum sentido.

Da próxima vez direi que sou poeta, talvez seja mais simples, conquanto seja mentira e a vergonha ainda seja a mesma, e a pergunta fatídica ainda ecoe nesses casos: “Mas você vive de quê?”. Vivo de explicar o que escrevo para estranhos, sem que eles leiam os livros que sempre vão parar na prateleira errada, enquanto na capa do romance de Nicholas Sparks um casal branco quase se beija, e Stephen King fica escondido na prateleira ao lado, assombrando as próximas gerações, que não escreverão mais romances e talvez vão até se virar melhor, vivendo de suas fantasias e explicando-as para estranhos.



TIAGO GERMANO

LE CHIEN

Equívocos: obras de Tiago Germano, como a coletânea de crônicas ‘Demônios Domésticos’, já foi tachada de satanista

Tiago Germano, é autor do romance “O que pesa no Norte” (Moinhos, 2023) e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de “Demônios domésticos” (Le Chien, 2017). É professor de escrita criativa e cofundador da editora independente Matria. Mora em João Pessoa (PB)

# A nudez não será castigada

**José Nunes da Costa**  
Especial para o *Correio das Artes*

Retorno à leitura de *A Nudez de Laura*, de Ana Paula Cavalcanti, interrompida há dez anos, quando o romance foi lançado. Me penitencio porque passei tanto tempo sem penetrar nas entranhas do livro, que é recheado de episódios protagonizados por pessoas que se revelam portadoras de alma apaixonada.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Lançado em 2013, *A Nudez de Laura* ganhou espaço na biblioteca dos livros que escancaram a alma da mulher em busca de conquistas, da liberdade e apontam sentimentos duradouros e relacionamentos salutareis.

A força do romance está na forma da narrativa, no enredo que agarra o leitor de ponta-a-ponta. A autora faz refletir sobre a quebra de tabus que oprimem a mulher, buscando abrir veredas para avanços nas conquistas.

A começar pela abordagem do comportamento da juventude nos anos dourados entre as décadas de 1970 e 1980, tempo de mudanças, Ana Paula revela novos costumes, é quando aparece Laura recheada de sonhos e paixões.

O tema central do romance gira em torno do relacionamento entre casais, o amor e a paixão. A autora revela que juntou “diversas Lauras”, mulheres com as quais conviveu, para recriar suas histórias.

A autora enfatiza a revelação dos costumes a partir de 1970 e anos seguintes, com gestos originados nos anos de 1960, quando os casais tinham como centro da vida, casar-se e serem felizes sob o mesmo teto.

O livro propõe uma reflexão sobre a vida entre jovens casais que, necessariamente, não vão ao altar para gerar filhos, mas vivem paixões e a liberdade, sem conotação de libertinagem.

O que chama a atenção são os temas levantados que suscitam discussões, sempre atuais, como o aborto, a possibilidade de a mulher ser dona

Ana Paula Cavalcanti, autora de ‘A Nudez de Laura’, revela que juntou “diversas Lauras” para recriar suas histórias e compor narrativa de amor, paixão e relacionamentos

de seu corpo, de decidir o que fazer. Como quando Laura, adolescente, grávida - o que estava fora dos planos, porque tudo aconteceu de um breve relacionamento - se negou provocar o aborto, como desejava o namorado. Ela foi irredutível em sua decisão.

Laura buscava respostas às inquietações que à época norteavam a sociedade, em transformação. Tempo quando os jovens cultuavam a liberdade, muito mais do que apenas a camisa aberta ao peito, com medalhão no pescoço, calça boca-de-sino e cabelo comprido.

A autora faz uma tessitura do relacionamento humano, focou a paixão avassaladora, que queima sem ser fogo, no dizer do poeta português Camões. Tudo escrito em linguagem atraente para mostrar as marcas do tempo na vida dos personagens.

Vivendo paixão arrebatadora, Laura protagoniza a libertação da mulher, em corpo e alma. A cada página, desejamos saber como será a cena seguinte.

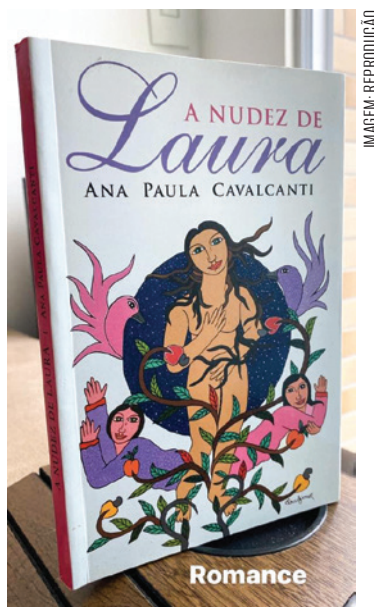
A personagem recorda o tempo de criança e de adolescente, enfoca as descobertas da juventude, se reveste das experiências que o tempo ofertou para viver suas paixões.

Laura é mulher empoderada, mulher do tempo presente. “*A Nudez de Laura* me encorajou a seguir a escrita ficcional. Laura me fez surgir. Mergulhar nesse mundo da literatura. Muitas pessoas não gostam do lado erótico do livro. Acredito que por vir de mim que tinha, e ainda tenho, para muitos, a imagem de uma mulher com outros focos”, comentou.

Ana descreveu cenas eróticas, com relevos poéticos, que resulta em leitura agradável. Em 182 páginas, teceu um painel de relações humanas tendo a paixão como fio condutor, a cada página aparece vibrações dos mistérios da alma. Ao reencontro dos corpos de Laura e Jorge, rebrota a chama do desejo na conflagração dos gestos e atos.

Mesmo que na literatura universal seja predominante a presença dos homens como o centro dos enredos, no passado recente e agora, as mulheres têm se revelado como personagens fortes.

Para falar de tema palpitante e polêmico, Ana Paula desenvolveu romance com estilo fluente e vivo, usando termos justos, vocabulários precisos que dão encanto à linguagem coloquial dos diálogos.



Capa de 'A Nudez de Laura': tessitura do relacionamento humano, focando na paixão avassaladora e escrito em linguagem atraente

Em romance de leitura que não é cansativa, por meio de Laura, a autora faz espriar raios de convicções para derrubar certas convenções sociais da época, assim como fizeram, ao seu tempo, mulheres como Emma Bovary, de Flaubert; Ana Karenina, de Tolstói; Capitu, de Machado de Assis; Lara, de Boris Pasternak, e tantas outras mulheres fabulosas que dão diferença à vida.

Silenciosa, com seus dons, Ana Paula se confirmou escritora fértil e cheia de valores, cautelosamente expostos.

Ela escreveu uma história de amor, recheada de outras histórias que compõem a teia da vida que se assemelha com outras que temos conhecimento, pois Laura se despede das lembranças do passado para viver intensamente a paixão.

Para compor o livro, Ana Paula recordou passagens da infância, reuniu histórias que escutava, mas garante: “Não sou Laura”.

A Laura verdadeira foi uma amiga, falecida aos 16 anos, por isso decidiu homenageá-la, dando seu nome a

heroína do romance. “Nessa idade, sonhávamos muito com nossos príncipes... sofríamos por amores não correspondidos. Laurinha era uma menina ímpar, em todos os sentidos”, revela.

A romancista montou o livro com frescas lembranças, testemunhos e vivências, como disse, de sua infância e adolescência. Com o material armazenado na cabeça, usando sua energia criadora, produziu um livro arrebatador e corajoso.

No processo de criação do livro, a autora anotava em um caderno o que observava, até que os personagens ganharam vida. “Digitei tudo, enviei para a editora Delicatta, que gostou e publicamos”.

Ao tempo em que produzia *A Nudez de Laura*, Ana Paula trabalhava outro livro, ao qual chamou de *A Marca de um Cheiro*, ainda inédito. “Algo que jamais esperava que escreveria”, diz. “Sempre escrevo para que algo seja aprendido, refletido”, acrescenta a romancista, que é psicanalista e tem gestão em Turismo e Empresarial.

Uma incentivadora das letras e das artes. Com um grupo de grupos de amigos há mais de dez anos criou o Pôr do Sol Literário, com edição mensal, que homenageia autores, artistas e patrocina o lançamento de livros.

Quando decidiu fazer sua estreia na literatura, escolheu *A Nudez de Laura*, escrito em linguagem aprazível, sem pieguices ou apelação para atrair leitores.

Sobre aspectos de sua vida, lembra que seu nome está ligado à uma tragédia, que consistiu na perda do esposo e filho em crime de trânsito, cujo acusado foi julgado e comandado.

Muitos a conhecia como Ana Rmalho, então decidiu renascer, por começar assinando suas obras literárias como Ana Paula Cavalcanti.

Escritora inquieta e prodigiosa em efetivar ações culturais, está com dois novos romances prontos e um livro – *Mergulho em Si*, em que reúne textos que publica nas redes sociais, abordando conceitos filosóficos e existenciais.

**José Nunes da Costa** é natural de Serraria (PB), casado, diácono, jornalista e poeta, autor de vários livros, é sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e da Academia Paraibana de Letras (APL). É cronista colaborador de A União. Mora em João Pessoa

# Os riscos do futuro

**Clemente Rosas**

Especial para o *Correio das Artes*

Já ninguém pode deixar de reconhecer que o nosso mundo vive uma situação de grandes riscos, que comprometem o futuro da humanidade. E não falo das guerras brutais, como as da Rússia-Ucrânia ou Israel-Palestina, que, por mais destrutivas e cruéis que sejam, não se eternizam. Refiro-me aos males, hoje permanentes, da degradação ambiental e da desigualdade entre nações e entre criaturas humanas.

Essa tomada de consciência ganhou dimensão com o famoso relatório da ministra norueguesa Gro Brundtland, *Our Common Future*, e as conclusões do chamado Clube de Roma, logo exploradas por Celso Furtado no livro *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Por aí, ficamos todos sabendo ser impossível reproduzir os padrões de consumo dos países industrializados – EUA à frente – para o resto do mundo, sob pena de rápido esgotamento dos recursos naturais do planeta e elevação dos níveis de poluição ambiental a níveis incompatíveis com a vida humana.



FOTO: REPRODUÇÃO/ARQUIVO PESSOAL

O economista Clóvis Cavalcanti (foto) tornou-se um ecologista radical após contato com as ideias do colega romeno Georgescu-Roegen: a ideia de desenvolvimento sustentável é tautológica

Havia e há que se pensar, portanto, em novo padrão de desenvolvimento, com ênfase na sobriedade de vida, rejeitando-se o consumo conspícuo, a cultura do descartável, o desperdício, as fontes de energia fóssil e poluidora, e priorizando-se a superação das desigualdades de renda, ou, mais precisamente, o acesso de todos aos bens sociais da nutrição, educação, saúde e segurança. E mal sabemos por onde começar.

O livre jogo das forças econômicas não nos levará a isso. Tomás Pickety e outros têm demonstrado que a concentração de renda e as consequentes desigualdades só tendem a aumentar, como resultado do que Marx chamou “as fúrias do interesse privado”.

O mercado, como já rotulou José Guilherme Merquior, ainda que insubstituível, é imperfeito. E a alternativa do exclusivo controle estatal dos meios de produção revelou-se, no mínimo, ineficiente. Os países que a adotaram, URSS à frente, falharam, e agora restabelecem, em diferentes graus, a livre iniciativa. É a lição da realidade, ou, como ouvi de Henry Kissinger em conferência no Recife (PE), simplesmente, um “empirical fact of life”.

Resta-nos a fórmula mista do Estado regulador e interventor em setores estratégicos. Mas precisamos de muito, muito mais que isso. Precisamos de que a consciência ecológica e igualitária, que já vem conquistando tantas mentes, chegue às lideranças políticas mundiais, para uma profunda mudança de mentalidade, de programas e de ações. Utopia? Talvez, mas qual a alternativa?

Dois pensadores da minha geração, a quem presto homenagem, têm propostas para essa luta ciclópica: Clóvis Cavalcanti, economista ecológico, e Cristovam Buarque, engenheiro “educacionista”, ambos de renome nacional, e até internacional. Seus trabalhos foram alvo, em diferentes fases de suas vidas, de minhas críticas e glosas, sempre com respeito. Resumo aqui suas reflexões e recomendações, com uma ressalva final.

Clóvis, após travar conhecimento com o economista romeno Georgescu-Roegen e sua revolucionária abordagem da atividade econômica à luz da entropia, deixou de lado sua formação matemática em Yale (EUA) e converteu-se num ecologista radi-



cal, até mesmo em sua opção de vida. Para ele, a expressão “desenvolvimento sustentável” é tautológica, na medida em que, para que haja verdadeiro desenvolvimento, é indispensável que ele se sustente, isto é, que não contribua para o esgotamento dos recursos naturais da terra, nem a polua com rejeitos não recicláveis. Rechaça o consumismo, as falsas ilusões de conforto e “necessidades” mercadológicas criadas pela moderna civilização, ergue bem alta a bandeira da preservação da natureza, repudiando tudo o que possa contribuir para o aquecimento do planeta e a destruição da camada de ozônio terrestre. E ele está certo em toda esta sua campanha, quase quixotesca.

Cristovam por sua vez, tem-se concentrado em pregar a educação de base, como responsabilidade do Governo Federal, estendida a todos os brasileiros, sejam eles filhos de operários ou de capitalistas, de subempregados ou de profissionais liberais e servidores públicos, como única medida efetiva para promover a igualdade entre os indivíduos. Igualdade essa de oportunidade de ascensão social, mesmo vista como tiro de partida, e não como fita de chegada, segundo a fórmula de um inspirado comentarista econômico. Assumindo, obviamente, que, numa situação de miséria, será inútil o discurso de proteção da natureza, e vã a diretriz de inibição de ações predatórias. A miséria, em si, já é grande poluidora. E os “remédios” até agora concebidos contra ela – as “bolsas famílias” de toda ordem – são paliativos ineficientes na luta mais profunda contra as desigualdades. Cristovam também está certo.

Mas é o momento de perguntar: onde caberia a minha ressalva, se louvo enfaticamente meus dois amigos pensadores? E eu esclareço: na omissão de uma exigência fundamental para a perseguição de suas metas de uma economia estável, constante (“steady economy”), e de uma sociedade igualitária. E tal exigência é simplesmente a estabilidade da população humana.

Parece axiomático que não se pode postular um crescimento econômico zero sem igual condição para o aumento populacional, já que a única alternativa seria desapropriar os ricos para favorecer os pobres, internacionalmente, opção que podemos considerar impraticável. Temos que encarar, agora sem eufemismos, a realidade que se impõe, e postular, em escala doméstica ou universal, o controle da natalidade.

O fato é que o tema constituiu tabu, por muitos anos, pela objeção da Igreja Católi-

ca, ao argumentar, numa bela frase vazia, que, ao invés de prevenir nascimentos, deveríamos oferecer a todos a oportunidade de desfrutar do “banquete da vida”. Ao que se contrapunha o economista Mário Henrique Simonsen, ressaltando que tal afirmação revelava apenas a incapacidade de raciocinar com funções de duas variáveis. A resistência dos religiosos foi ao ponto de os órgãos governamentais terem que deixar de falar em “controle da natalidade” para adotar a fórmula mais palatável de “planejamento familiar”.

É fato também que as taxas de crescimento populacional, com o avanço da modernidade, tendem a decrescer, por múltiplas razões que dispensam demonstração aqui. Mas o problema continua, sobretudo nos países mais pobres, sem conhecimento ou meios de prevenir a gravidez humana, contribuindo fortemente para a miséria e seus dolorosos efeitos, entre eles a migração desesperada para o mundo “desenvolvido”, que tantas mortes de inocentes tem provocado, na travessia do Mediterrâneo ou no recurso às artimanhas dos “coyotes” para “furar” as muralhas americanas.

Parece ilógico, para não dizer irracional, que as criaturas humanas, cujas vitórias, através da ciência, sobre os fatores da morte – redução da mortalidade infantil, aumento da longevidade, contenção ou extinção das pandemias pela vacinação – não tenham discernimento para controlar, correspondentemente, os fatores da vida, gerando um desequilíbrio que nos pode ser fatal.

É a advertência que deduzimos das análises do biólogo americano Stephen Jay Gould (ao lado do inglês Richard Dawkins, um dos cientistas da minha devoção). Segundo ele, assim como nosso planeta já viveu vários episódios de destruição em massa de espécies, por fatores diversos – o fim dos dinossauros, por provável choque de um asteroide, foi apenas um deles – podemos estar vivendo agora mais um, pela proliferação descontrolada e avassaladora de uma única espécie: a humana. E se não o percebemos facilmente, é porque tais episódios de “mass destruction” não se processam em tempo histórico, mas em tempo geológico, ou cósmico. O que não

nos exige de pensar no futuro dos nossos descendentes.

Sendo assim, sem meias palavras, a estabilidade da população é pré-condição imperativa para a constituição de uma economia estável, em harmonia com o meio ambiente, e de uma sociedade igualitária, sem miséria. Fiquei muito feliz ao tomar conhecimento de que o recém-falecido ecólogo Herman Daly, professor emérito da Universidade de Maryland (EUA) e amigo, de longos anos, de Clóvis Cavalcanti, produziu um ensaio em que aborda, de maneira brilhante, este problema. O título é: ‘Ecological Economics and the Steady State: What, Why and How’, e consta de um livro que os alunos, filhos e amigos de Clóvis mandaram editar em sua homenagem, com numerosos pronunciamentos, por ocasião dos seus oitenta anos.

Herman Daly é extremamente didático e correto em seu ensaio, fugindo a um certo estilo arrogante e “apocalíptico” que às vezes observamos nos ecologistas, ao ponto de sermos levados a rotulá-los de “eco-chatos”.

No ensaio, após dissecar o quadro inquietador que nosso mundo apresenta, sob vários aspectos, Daly, modestamente, propõe dez diretrizes de ação política para confrontá-lo. É um número arbitrário, ele admite, algumas propostas podem ser retiradas, outras incluídas, mas o conjunto nos força a sermos específicos e “focados”. E entre elas está a de número nove, que me permito traduzir do inglês: “Estabilizar a população. Trabalhar no sentido de um equilíbrio, em que nascimentos, mais imigrantes, sejam iguais a mortes, mais emigrantes. O acesso à contracepção deve ser universal, e leis de imigração democraticamente aprovadas devem ser respeitadas e reforçadas. A ajuda externa é mais eficaz transferindo-se riqueza do que realocando grande número de pessoas”.

Está dado o meu recado, amigos, com as bênçãos de Herman Daly. E vamos em frente, fazendo o que estiver ao nosso alcance, sem catastrofismo, com fé na humanidade e na ciência, que algum dia há de encontrar o caminho para esconjurar os sombrios riscos do futuro e promover a nossa redenção.

**Clemente Rosas Ribeiro** integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’, ‘Lira dos Anos Dourados’ e ‘Sonata de Outono’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).



Amador Ribeiro Neto  
amador.ribeiro17@gmail.com

 / festas semióticas

# Jon Fosse, Nobel de Literatura 2023, e seu romance “É a Ales”



FOTO: DIVULGAÇÃO/CIADAS LETRAS

Jon Fosse, escritor norueguês contemplado com o Nobel de Literatura 2023, tem apenas 64 anos e uma carreira com importantes prêmios literários internacionais. Destaque para o reconhecimento do próprio governo norueguês que lhe concedeu residência permanente no Palácio Real de Oslo, com bolsa vitalícia pelas contribuições às artes e cultura norueguesas.

Jon Fosse estreou na literatura aos 24 anos com o romance *Vermelho, Negro*. Sua produção mescla dramaturgia – sendo o autor mais encenado na Europa hoje, comparado a Ibsen, o maior nome da dramaturgia norueguesa e um dos mais reverenciados do mundo – e ficção, notadamente romance e novela. Embora dedique-se também à ficção infantil e ao ensaio.

*É a Ales* (Companhia das Letras, 2023; tradução Guilherme da Silva Braga direto do norueguês) é romance minimalista, de frases diretas, parcimonioso no uso do ponto final, gerando parágrafos longuíssimos de uma musicalidade tão infinita quanto o som que reverbera pelos fiordes, cenário dominante das histórias deste livro.

Os diálogos são super abreviados, quase monovocabulares. Mais sussurrados que ditos. Mais sugeridos que verbalizados. Silêncio, poucos movimentos das pessoas, céu escuro, chuva, ventos, neblina, frio. Uma fogueira lá fora. Será? Uma lareira dentro da casa. Será?

Escritor norueguês contemplado com o Nobel de Literatura 2023, Jon Fosse alterna dramaturgia, romance e novela em sua produção literária

Signe, a protagonista, olha por uma janela e contempla o fiorde, a paisagem de hoje, de ontem, de sempre. Espera pelo marido, Asle, que um dia, como em tantos outros, abriu a porta para navegar. Saiu e não voltou. Agora, há vinte três anos ela olha por aquela janela, pensa, rememora, dá asas à imaginação, espera por ele.

O tempo num vaivém leva e traz acontecimentos aleatoriamente. As conversas retomadas como se acontecessem no instante presente dão conta das dificuldades de comunicação entre o casal. Ao mesmo tempo, revela a relação simbiótica entre ambos. Um precisa do outro. Estranho amor? Dependência mútua excessiva? Desconhecida forma de amor gerada por outra geografia? O que há, o que acontece? A narrativa não esclarece, apenas tange, insinua. Deixa enigmas. O leitor segue seduzido por um texto magistralmente estruturado e bem escrito.

Surgem novas personagens. Surgem? Tudo é noite, tão escuro e pleno silêncio. Chove. Neva. Ela pensa, diz o narrador até certa parte da narrativa. Depois, passa a pontuar que é ele quem pensa. O leitor presume. Não sabe. Quem é que sabe neste romance? Pensando bem, de fato, um romance? Por que não uma novela? Mas o gênero literário muda o cerne da trama? Há trama ou só a forma textual é que informa?

É, de fato, uma história de um casal e outras personagens que vêm e vão tal como o tempo sobre os fiordes?

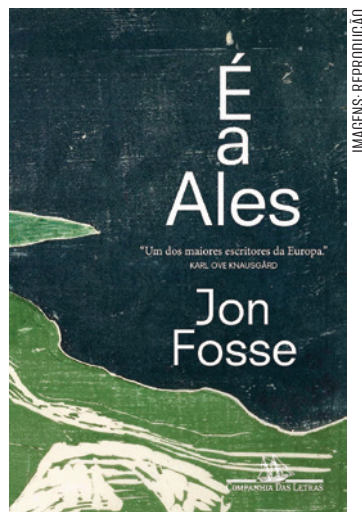
Ou é um modo de como o texto que se processa o tempo todo num fazer-se e refazer-se, processando a composição literária enquanto criação em *in progress*?

Será um texto-Sísifo que vaivém numa história de Penélope-Ulisses tecendo e desconstruindo?

O movimento da narrativa é um (quase) mantra de (quase) repetir as mesmas situações e histórias, numa (mesma) sintaxe, (quase) em espiral. O leitor chega a sentir-se em clima de meditação pelo da linguagem – segundo observam alguns críticos.

Já foi dito que Jon Fosse é um parecido com Beckett. Mas talvez seja mais que parecença, seja radicalidade levada à extremidade. O que é espera em Beckett em Fosse é destroçamento. Ao menos enquanto trama temática.

Não há leitura mística ou utópica (não que haja em Beckett, de modo algum). Ainda que Fosse tenha se convertido ao catolicismo há dez anos,



IMAGENS: REPRODUÇÃO

'É a Ales': novo romance do vencedor do Nobel é minimalista, de frases diretas e diálogos abreviados, mais sussurrados que ditos



Romance anterior de Fosse, 'Brancura', também é testemunha do dilaceramento do presente sem o braço lançado ao futuro

depois de ter sido na infância criado no presbiterianismo, na juventude ter se declarado ateu e, depois voltado às origens presbiterianas para apenas recentemente ter aceito a fé católica. Não há saída para os personagens de Fosse. O aniquilamento é seu fim. É o que comprovamos nestes dois romances.

A prosa nos romances em *É a Ales* como em *Brancura* (Ed. Fósforo, 2023, também em tradução direta do norueguês, mas desta feita por Leonardo Pinto Silva) é testemunha do dilaceramento do presente sem o braço lançado ao futuro. Em *É a Ales*, olhar pela janela é uma evasão não rumo um futuro, mas a um passado que estanque, cristalizado num aqui e agora repetitivo. Tudo é o mesmo. Nada altera-se. Os anos são iguais há mais de duas décadas.

O igual a si é velho, não é futuro. O estanque é morte. Por isso Signe é uma morta-viva e Asle, anagrama de Ales, nome de sua bisavó morta, é aquele que também parte sem dizer nada. Simplesmente desaparece, dilacerando o outro que fica. E Signe, o outro, a companheira, fica a esperar. Sem saber se ele volta. Sem saber se partiu para morrer. Se partiu apenas para mais uma volta pelo fiorde.

Uma leitura possível para o romance *É a Ales*, como vimos, é que o ler o texto como objeto de não-entrega, objeto que

não-se-diz, objeto de recusa. Prosa de recusa.

Um texto que navega em si próprio e mergulha em suas entranhas ofertando-se como claro enigma. Um livro que se dá pelo indizível – apropriando-me às avessas da expressão da comissão do Nobel ao justificar o prêmio.

Outra leitura, no plano da trama das ideias, é que Signe e Asle são uma única e mesma personagem no mergulho de si próprio. Na busca do autoconhecimento. Olhar pela janela da própria alma, mergulhar no fiorde de seu inconsciente (águas, noite, escuro, remar, etc.). A narrativa como aprofundamento de si e descoberta das plurivozes dissonantes nas águas do inconsciente mais recôndito. Por isso tempo e lugar em seus desconexos, irregulares, ilógicos ir e vir, próprios do fluxo da consciência e do inconsciente.

De uma ou outra forma – ou outras formas – *É a Ales* firma-se como um imenso livro de um autor que não somente conta uma história, mas sabe contá-la de modo singular e inovador de usar a linguagem literária. Jon Fosse inaugura uma sintaxe peculiar, com uma musicalidade e uma cinética associadas numa concisão vocabular que faz a prosa continuar a ser prosa, mas distante da prosa com a qual estávamos confortáveis na literatura contemporânea.

Amador Ribeiro Neto, é poeta, crítico literário e professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

# Banido do lugar comum: What is Ednaldo Pereira

**Bruno Ribeiro e Mylena Queiroz**  
Especial para o *Correio das Artes*

*Eu não inventei cadeia  
Eu não inventei delegacia  
Eu não inventei catinga  
Eu não inventei cheiro  
Eu não inventei o bem  
Eu não inventei o mal*

'Invenção', Ednaldo Pereira

“O porteiro ali perguntou que tipo de música eu toco. Ednaldo Pereira é todo tipo de música. É pagode, é funk, é rock, é metal. Ednaldo Pereira é tudo”. O cantor, compositor e funcionário público nascido em Guarabira, interior da Paraíba, Ednaldo Pereira, acompanhado de uma banda "de torá", proclama essas palavras em cima do palco da Vila do Porto, em João Pessoa.

Na sua primeira apresentação ao vivo, Pereira impressiona pelo vigor e constância na execução dos seus sucessos, que vão desde 'What is the brother' até 'Vale nada vale tudo'. A sua performance inicia ainda antes da abertura de seu show, com a exibição do vídeo informando que Ednaldo Pereira teria nascido na União Soviética, acompanhado pelo público e por faixas de apoio dos fãs, como “Ednaldo Pereira é Mestre” e “Mestre, você vale tudo”.

Vários vídeos de Ednaldo têm inúmeras visualizações na internet, desde cerca de duas décadas atrás, tendo inicialmente tido destaque no Orkut, depois viralizado no YouTube, ganhando ainda fãs em outras plataformas, como Instagram e TikTok. Com seus clipes em lugares como feiras de roupa e hospitais, no universo de Ednaldo ele é chamado de "mestre" e "ser mais poderoso do Universo".

Ainda é visto por tantos apenas como um meme, termo que rebateu no Twitter um dia antes do seu show de estreia, dizendo que: “Eu estou percebendo que algumas pessoas não levam a sério a carrei-

ra musical de Ednaldo Pereira ou seja, acham que Ednaldo Pereira é só meme, mas a carreira musical já vem de quase 20 anos e Ednaldo Pereira leva a sério assim como muitos fãs se você acha que esta questão de show e carreira musical não é coisa séria ou seja arte o meu recado é o seguinte é sim”(SIC).

O músico prova que a sua estética vanguardista sem arroudeio pode e deve ser respeitada. Muito do que Ednaldo Pereira toca é geralmente visto nas mãos de rapazes brancos de classe média, a boa e velha estética do porão, artistas que, presos no sótão da vó ou em quartos sujos (por escolha), escuros e entupidos de restos de comida, conceberam obras de arte. Pequenos monstrinhos que surtavam em cima dos seus equipamentos, enquanto a mãe, avó ou algum espírito perdido cozinhava o jantar. O sótão é um local de criação vasto. Mas é um lugar para poucos. Poucos e com grana.

Na sua entrevista para o podcast Flow, Pereira disse que a sua mãe e irmã não acreditavam em sua obra. “Se eu fosse pedir uma ajuda a minha mãe de patrocínio, ela não iria ceder porque não acreditava...”. Por conta dessa falta de suporte familiar, o artista buscou um trabalho visando sustentar a sua obra.

A obra de Pereira, homem negro e gari, do distrito de uma pequena cidade (Cachoeira dos Guedes, região metropolitana de Guarabira), está mergulhada naquilo que muitos imaginavam que um homem como ele não deveria habitar. Por isso, o rótulo apenas de meme, a chacota, deixa de lado que ali há, de fato, um projeto musical consistente (melhor do que a esmagadora maioria dos garotos de porão): ali há a jornada ao avesso de um herói que criou um cânone particular e um registro próprio de se fazer música. Do seu jeito. E com pouca condição. Há invenção.

Suas gravações lançadas entre álbuns, singles e EPs desfilam numa estética *lo-fi* e livre. Entre o rock, pós-punk, new wave e synthpop, “e tudo”, como ele bem disse, carregando no absurdo,

na política, no cotidiano lisérgico, existencialismo ou naquilo que chamamos de vida, Pereira transita sem preocupação, afinal a liberdade está em cada nota de suas músicas e em suas principais companhias: as letras, o computador e o celular. E transita com muito humor – uma das principais armas contra o caretismo que nos assola.

Ainda no Flow, Ednaldo comentou que o efeito em seus vídeos, direcionando a câmera do celular à barriga e fazendo um movimento de semicírculo enquanto grava e comenta algo, seria para dar ideia de uma nave espacial, efeito esse repetido por alguns de seus admiradores.

Há nesse movimento uma marca que integra seu projeto criativo, posto que Pereira aprendeu que com o que tinha em mãos, poderia fazer muito. Não é preciso dominar a ferramenta, é preciso usá-la de um modo que só você poderia usar. E com o seu armamento, Ednaldo Pereira fez seu universo. Fugindo dos lugares comuns e abraçando as suas falhas como se fosse um mestre de cerimônia eletrônico eternamente preso em um porão cheio de instrumentos danificados, decidido a romper com padrões. Há nisso um ethos artista e um anti-ethos artista, um ato de “mesclar virtudes”, como diz sua canção.

Em 1995, Brian Eno disse que “qualquer coisa que você ache estranho, feio, incômodo e nojento sobre uma nova plataforma, certamente se tornará a sua assinatura”. Ele fala das distorções nos CDs, o ruído vagabundo de um oito bits, basicamente fala do som do fracasso. Muito da arte modernista tem essa aura de falha, de visualizar as rachaduras, e tudo isso é a estética dessa nova arte ou plataforma; são através desses “defeitos” que se encontram suas virtudes.

Ainda, quando Josefina Ludmer fala em pós-autonomia literária ela pensa nos processos e projetos contemporâneos que envolvem criações que as categorias tradicionais da Teoria Literária clássica não comportariam, porque as obras pensadas por Ludmer ao refletir sobre isso, além da autonomia da arte, estão “dentro e fora” das métricas do que é arte, “dentro e fora” do que é realidade, e do que é criação.

Nesse sentido, é nas fissuras que a luz entra, revelando originalidade,



FOTO: REPRODUÇÃO/REDES SOCIAIS

risco e ousadia, características fundamentais para um artista como Ednaldo Pereira, que sabe que está dentro e fora das categorias musicais. E essa assinatura é visível em diversas de suas músicas, seja pela voz que quebra no momento de alcançar algumas notas, nas baterias fora do ritmo, na qualidade duvidosa de algumas gravações, no humor que entra em horas aparentemente inoportunas, ou nos gritos, na fúria, na loucura, que podemos ver em “Fleig” e em “Banido Desbanido”.

Quando convidado para participar do programa de Jô Soares, o apresentador pediu que Ednaldo Pereira cantasse uma música, desse “uma palhinha”, de maneira que prontamente ouvimos a canção acompanhada de um *beatbox*. Naquele programa, exibido em 2008, o título do vídeo dado ao trecho publicado no Globo Play foi: “Funcionário Público Ednaldo Pereira quer ser cantor”. O dançar descompassado do homem “que queria” ser cantor chamou a atenção da

Ednaldo Pereira ganhou fama através das redes sociais, e se impõe para ser reconhecido como artista, não só como “meme” da internet

plateia, pouco habituada àquele tipo de exibição.

Pensar a produção artística de Ednaldo Pereira nos faz lembrar também das falas de Nego Bispo, quem disse que aquele que dança descompassado, que canta desafinado, é porque não foi colonizado.

Inquieto, ele é um artista que não faz concessões mais óbvias e que amadurece e alimenta sua obra com sagacidade. Ednaldo Pereira não inventou o mal, não inventou o bem, mas segue com sua originalidade e inventividade de nave espacial, lá onde ele é desbanido.

**Bruno Ribeiro**, é escritor, tradutor e roteirista. Mestre em Escrita Criativa pela Universidad de Tres de Febrero, em Buenos Aires, é autor de, entre outros, *Glitter* (Moinhos, 2019), *Porco de Raça* (Darkside, 2021) e *Era Apenas um Presente Para o meu Irmão* (Todavia, 2023). Recebeu os prêmios Brasil em Prosa, Machado DarkSide, Todavia de Não-ficção e foi finalista do Prêmio Jabuti. Mora em Campina Grande (PB).

**Mylene Queiroz**, é doutora em Literatura e Interculturalidade pela UEPB e professora de Literatura na UFPB, Campus IV. Mora em Campina Grande (PB).




## A pedra

Vivia fazendo coisas no meu jardim. Podava a grama, aparava galhos, removia vasos, enfiava as mãos na terra escura – e atiçava o verde com os meus suspiros: “Que beleza!”. Mas eu não havia percebido a pedra. Ao pé do muro, cinza, ela repousava debaixo de uma roseira. Grudada na terra, era como uma pedra qualquer cujo único objetivo neste planeta é ser hirta. Notei algo disforme, num domingo. A pedra tinha se arrastado até o cacto, numa trajetória de uns três metros. E tinha deixado as pegadas. Pegada de pedra é como flor impressa em areia. Sim, era como se uma flor tivesse dado uma caminhada emborcada. E a caminhada tinha cor – era vermelha. E tinha cheiro? Eu desci o nariz e farejei bem uma das pegadas. E assenti: a pedra já tinha sido flor. E também: ela respirava. A caminhada lhe tinha sido um esforço enorme, pois pedra quando caminha não é como animal: o peso dos céus solda-se em suas costas. Me emocionou aquilo: uma pedra empenhando-se para ser animal, buscando respirar para fazer estalar seus pulmões. Pedra, ao resfolegar, a sua caminhada embaça a cor – o vermelho agora era desmaiado e teve um momento em que, inflando para um quase roxo, ele quase

desmemoriza. Não sei se me faço entender: a pedra não tinha propriamente uma cor, mas a memória de uma cor. E memória é fria ou quente – mas a da pedra era as duas coisas. Resolvi levar a pedra para o meu quarto. Resolvi que ela ia dormir perto de mim, numa cama que lhe comprei. Eu sou viúvo. E, quando perdi minha mulher, eu me locomovia pelo jardim jorrando minhas lágrimas. Que fizeram muita flor nascer parálitica, entrevada. Eu sempre via as mãos da minha amada na cor das rosas mais esplêndidas. Eu desconfiava que nas madrugadas minha amada vinha lavar a beleza no nosso jardim. E eu chorava muito vendo tanta beleza, tanta flor reeditando os lábios da minha amada. Eu sei que a pedra é ela. Minha amada não queria morrer. Me disse, dias antes da morte, que tudo que tem vida tem cor. Assim, ela viraria até caco de vidro do muro – para ser vista, mesmo se sabendo o corte que sangra, amputa. Porém agora minha amada está pedra. E dorme no meu quarto. E respira como o vidro que lá fora fere o braço do sapoti sobre o muro. Uma pedra num colchão pode ser a notícia de um desatino – mas as minhas mãos de jardim sabem os espinhos que espetam.

**Rinaldo de Fernandes**, é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

**OS  
GRANDES  
DO NOSSO  
MUND** 

**Ipojuca Pontes**

Quem são  
**Os grandes  
do nosso tempo?**

---

Na política? Argemiro de Figueredo! Na música? Sivuca!  
Nas comunicações? Chateaubriand! Na Literatura?  
Zé Lins! No esporte? Pelé, claro, tão grande, quanto eterno.

---

Os perfis destas e de outras personalidades únicas são ricamente traçados por um dos intelectuais paraibanos mais sólidos, o jornalista e escritor, Ipojuca Pontes.

No livro "Os Grandes do Nosso Tempo" temos a chance de conhecer melhor as histórias de quem marcou a História em mais um lançamento robusto que você encontra na **Livraria A União**, no Espaço Cultural.



transformando vidas  
pela música

Escola de  
Música Sesc  
Dom Ulrico

**Sesc**  
Fecomércio  
Senac